

CADERNOS SOCIAIS

CAPITALISMO, ANTICAPITALISMO E ORGANIZAÇÃO POPULAR

Universidade Popular
Movimento dos Trabalhadores Desempregados MTD-RJ

Rio de Janeiro, 2009
© Copyleft

Projeto de capa e diagramação: El Brujo
Imagem da capa: Zé Paiva

© Copyleft - É livre, e inclusive incentivada, a reprodução deste livro, para fins estritamente não comerciais, desde que a fonte seja citada e esta nota incluída.

Universidade Popular
Rio de Janeiro
<http://universidadepopular.milharal.org>

Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD)
Rio de Janeiro
<http://mtdrio.wordpress.com>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
-------------------	---

PARTE 1: CAPITALISMO E ANTICAPITALISMO

O QUE É O CAPITALISMO?	11
UMASOCIEDADEDOMINADORAEEEXPLORADORA.....	12
UMA SOCIEDADE DE CLASSES	13
A CLASSE DOMINANTE (OU A BURGUESIA)	15
AS CLASSES EXPLORADAS	17
LUTA DE CLASSES: A CRISE INERENTE AO CAPITALISMO	21
PROPRIEDADE PRIVADA	22
MERCADORIA, SALÁRIO E MERCADO	24
A “ACUMULAÇÃO PRIMITIVA”	26
UM SISTEMA MUNDIAL E EXPANSIVO	28
OS ESTADOS NACIONAIS	29
O IMPERIALISMO	31
A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA	32
EXPANSÃO INTERNA.....	34
E O ESTADO?	37
GARANTIR A ACUMULAÇÃO.....	37
ASSEGURAR A LEGITIMIDADE.....	39
O ESTADO E A LUTA DE CLASSES.....	40
UMAMÁQUINADESEPARAREHIERARQUIZAR.....	41
SOCIEDADE GLOBAL, DIREITOS LIMITADOS.....	42
PÚBLICO E PRIVADO.....	43
MAS POR QUE NÃO MUDAMOS TUDO ISSO?.....	44
A FALSA DEMOCRACIA.....	44
NÃO É O GOVERNO DO POVO.....	46
UMA DITADURA DO CAPITAL.....	47
A HEGEMONIA DA CLASSE DOMINANTE.....	48
A IDEOLOGIA DO CAPITALISMO.....	49
A CULTURA DO CAPITALISMO: INDIVIDUALISMO.....	50
A CULTURA DO SUCESSO, DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO.....	51
CONFORMISMO E PASSIVIDADE.....	52
UM SISTEMA TOTAL?.....	53

PARTE 2: ORGANIZAÇÃO POPULAR

LUTAR CONTRA O CAPITALISMO.....	57
MAS COMO?.....	57
UMA RELAÇÃO DE FORÇAS.....	58
POR QUE FALAR EM ORGANIZAÇÃO?.....	59
POR QUE FALAR EM POPULAR?.....	60
RELAÇÕES CENTRO-PERIFERIA: REPENSANDO AS CLASSES EXPLORADAS.....	61
LUTA CONTRA A DOMINAÇÃO.....	62

A VONTADE DE LUTAR.....	63
OS MOVIMENTOS DE MASSAS OU SIMPLEMENTE “MOVIMENTOS SOCIAIS”.....	64
O QUE É UM MOVIMENTO SOCIAL?.....	65
FORÇA PARA CRESCER E LUTAR	66
AUTONOMIA: O MOVIMENTO SOCIAL NÃO DEVE SER “APARELHADO”	67
NÃO É TODO MUNDO QUE QUER APARELHAR.....	68
ESTADO, PARTIDOS, BUROCRATAS, ETC.....	68
APOIAR O MOVIMENTO SOCIAL.....	69
COMBATIVIDADE: NÃO AO PACTO SOCIAL.....	70
AÇÃO DIRETA EM OPOSIÇÃO À DEMOCRACIA REPRESENTATIVA.....	71
A AÇÃO DIRETA É NECESSARIAMENTE VIOLENTA?.....	72
A AÇÃO DIRETA MUITAS VEZES NÃO É ILEGAL?.....	73
A POLÍTICA NÃO É PARA OS POLÍTICOS.....	74
DEMOCRACIA DIRETA: QUANDO TODOS DECIDEM DE VERDADE.....	75
ÉTICA: UM PRINCÍPIO, UMA FORMA DE CONDUTA.....	76
A IMPORTÂNCIA DA RESPONSABILIDADE.....	76
SOLIDARIEDADE E APOIO MÚTUO.....	77
A LUTA É INTERNACIONALISTA.....	78
UMA MUDANÇA QUE TAMBÉM É CULTURAL.....	79
CRIAR UM MOVIMENTO SOCIAL OU ENTRAR EM UM QUE JÁ EXISTE?.....	80
ESTABELECEER OS OBJETIVOS DA LUTA (DE CURTO E MÉDIO PRAZO).....	82
CRIAR UM PLANO MAIS OU MENOS ESTRATÉGICO.....	83
UM EXEMPLO PRÁTICO.....	84
ASSEMBLÉIAS E REUNIÕES.....	85
EFICÁCIA NA TOMADA DE DECISÕES.....	86
A PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA.....	87
PRIORIDADES, MODERAÇÃO E ENCAMINHAMENTOS.....	88
AS RELAÇÕES PESSOAIS.....	89
COMUNICAÇÃO E IMPRENSA.....	90
APOIO JURÍDICO.....	91
ALGUNS CUIDADOS QUE DEVEM SER TOMADOS.....	92
AS LUTAS DE CURTO E MÉDIO PRAZO.....	92
ISSO NÃO É REFORMISMO?.....	93
A PERSPECTIVA DE LONGO PRAZO.....	94
ISSO SIGNIFICA SER REVOLUCIONÁRIO?.....	95
QUEREMOS “TOMAR O PODER”?.....	95
O PODER POPULAR.....	96
A NOVA SOCIEDADE QUE É NECESSÁRIO CONTRUIR.....	97
UMA SOCIEDADE SEM CLASSES.....	97
SEM PROPRIEDADE PRIVADA E COM AUTOGESTÃO.....	98
SEM ESTADO E COM FEDERALISMO.....	99
A VERDADEIRA DEMOCRACIA.....	100
LIBERDADE E IGUALDADE.....	100
OS MEIOS DA ORGANIZAÇÃO POPULAR.....	101
A PEDAGOGIA DA LUTA.....	102
“LIÇÃO DE CASA”.....	103

APRESENTAÇÃO

Este Caderno Social, chamado Capitalismo, Anticapitalismo e Organização Popular é uma publicação da Universidade Popular do Rio de Janeiro em conjunto com o Movimento de Trabalhadores Desempregados do Rio de Janeiro (MTD-RJ).

Formada em meados de 2007, a Universidade Popular acredita na autoformação política, social e cultural dos trabalhadores e trabalhadoras (sem-teto, sem-terra, desempregados, camelôs, etc.) com vistas à construção de uma nova sociedade pautada no socialismo e na liberdade. É composta por estudantes e trabalhadores que se afirmam enquanto reais produtores das riquezas da atual sociedade e “indignados com a mais completa situação de miséria e opressão que nos atinge” tem o “mais profundo desejo de construção coletiva de uma nova sociedade, baseada na cooperação e na igualdade.” [Manifesto Pró-Universidade Popular]

A construção do núcleo Pró-Universidade Popular tornou pública, por meio de seu Manifesto citado acima, a defesa de seis pontos que nortearam “a construção deste centro de saber popular, conhecimento e cultura”. Podemos resumi-los:

1. A impossibilidade de o sistema capitalista na promoção do bem-estar social das classes exploradas, por estar baseado na exploração e na dominação privilegiando a classe dominante.
2. A impossibilidade de a democracia representativa não servir para as vontades e expectativas dos movimentos sociais, já que se entende que o sistema representativo e o próprio Estado servem ao capitalismo.
3. O reforço dos valores do capitalismo pela educação de hoje, que afasta as classes exploradas da possibilidade de construir uma nova sociedade.
4. O sistema de ensino estatal e privado, que não dá conta das necessidades de educação popular.
5. A defesa de uma educação pública, organizada pelos próprios setores excluídos, democrática, autogestionária, de livre acesso, que valorize os setores populares com sua formação social e cultural, com vistas à auto-emancipação.
6. Uma educação popular que esteja ligada ao contexto histórico das lutas e

conquistas dos trabalhadores vindo desde a Comuna de Paris, passando pela Revolução Espanhola, Quilombo dos Palmares, Confederação dos Tamoios, resistências armadas da América Latina, levantes populares contemporâneos, fundação da Universidade Popular em 1904 e todas as lutas dos trabalhadores que buscaram sua emancipação.

Neste sentido, entendemos que deveríamos contribuir com um material de formação para trabalhar as questões apresentadas acima, nos cursos de formação que realizamos com os grupos e organizações/movimentos sociais.

O MTD-RJ é um movimento de âmbito nacional, que se organiza em torno da questão do trabalho. No Rio de Janeiro, ele surgiu em 2001 sofrendo, logo em seguida, um processo de refluxo e desmobilização. Em 2008, o MTD-RJ iniciou um processo de rearticulação buscando agregar antigos e novos militantes, o que culminou na formação de diversos núcleos de desempregados em diversas localidades da cidade. Atualmente, o MTD-RJ tem núcleos sendo constituídos nas favelas Costa Barros, Vila Cruzeiro e no Complexo da Maré.

Com o amadurecimento, o MTD-RJ participou de uma série de manifestações públicas, como na passeata dos 40 anos da morte do estudante Edson Luiz, e no ato contra o agronegócio em frente ao BNDES no centro do Rio de Janeiro. Além disso, participou do Primeiro de Maio, organizado também em 2008, que aconteceu na comunidade do Canal do Anil.

Com vontade e organização, o MTD-RJ busca articular-se sobre as necessidades que possuem todos os seus militantes. Constituindo-se como um movimento autônomo e combativo, tem por objetivo fazer com que o povo conquiste aquilo que precisa por si mesmo. E uma demanda do movimento no Rio de Janeiro também é a formação política.

Por isso que esta articulação entre a Universidade Popular e o MTD-RJ para esta publicação não poderia vir em melhor momento. Um importante momento para a Universidade Popular pela oportunidade de trabalhar a formação política em um movimento social de base bastante promissor. Também importante para o MTD-RJ pela oportunidade de realizar formação política com os militantes, trazendo importantes ganhos.

Nesta co-edição, pensamos que um primeiro e importante passo seria um material que explicasse, de maneira simples, o funcionamento do sistema capitalista e oferecesse uma perspectiva crítica e atual em relação a ele. Ao mesmo

tempo, este material deveria oferecer mais do que simplesmente a crítica. Ele deveria apresentar elementos construtivos que pudessem mostrar caminhos e possibilidades de como se lutar contra o capitalismo e também, dar algumas perspectivas de luta em médio e longo prazo.

Foi isso o que tentamos fazer com a edição deste caderno. Ele servirá como material de apoio ao coletivo de formadores da Universidade Popular, dando suporte a cursos de formação política voltada para a base dos movimentos sociais, dentre eles o MTD-RJ.

A primeira parte de Capitalismo, Anticapitalismo e Organização Popular foi baseada, em grande medida, no livro Anticapitalismo para Principiantes de Ezequiel Adamovsky, editado na Argentina. Nesta parte, alguns trechos foram simplesmente traduzidos e outros modificados, ou mesmo reescritos por nós. Diferentemente, a segunda parte foi completamente escrita por nós.

Houve uma contribuição ímpar dos companheiros que trabalharam com as ilustrações para este caderno. Primeiramente, aqueles que desenharam para o livro de Adamovsky e que reproduzimos na primeira parte: os Ilustradores Unidos. Depois, outros companheiros que realizaram todos os outros desenhos: Zé Paiva de Portugal a quem deixamos o nosso mais sincero agradecimento, El Brujo e Leandro Bonecini. A diagramação e o trabalho gráfico foram feitos por El Brujo.

É absolutamente fundamental, para nós, ressaltarmos os grupos e organizações/movimentos sociais com os quais estamos em contato e que, contribuíram significativamente para a realização deste material, seja com idéias, ou mesmo com o contato na militância cotidiana. São eles (em ordem alfabética): Assembléia Popular (RJ), Associação de Produtores Autônomos da Cidade e do Campo (APAC), Centro de Cultura Social Antônio Martinez (CCS-AM), Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro (CCS-RJ), Conselho Popular (RJ), Floreal Cooperativa de Trabalhadores em Agroecologia, Frente de Luta Popular (FLP), Frente Internacionalista dos Sem-Teto (FIST), Frente Popular Dario Santillan (Argentina), Grupo de Agricultura Ecológica (GAE), Lutarmada Hip Hop (RJ), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Movimento Nacional de Luta Pela Moradia (MNLM), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Núcleo de Alimentação e Saúde Germinal, Projeto de Reciclagem–Birimbau, SINDISPETRO (RJ), SINDISCOPE

(RJ), SINDISPREV (RJ), Tendência Filhos de Toda Terra (Omo Bogho), Universidade Popular, Us Neguin q Não c Kala, Via Campesina.

Esperamos que a leitura seja proveitosa!

Universidade Popular
Movimento dos Trabalhadores Desempregados – RJ
Rio de Janeiro 2008

PARTE 1
CAPITALISMO E ANTICAPITALISMO

O QUE É O CAPITALISMO?

O capitalismo é, antes de tudo, um **regime social**, ou seja, uma **forma de organização da vida social**. Para que os homens e mulheres possam viver juntos, toda a sociedade deve ter as “respostas” para uma série de “perguntas”.



Essas “perguntas” podem ser respondidas de várias formas; **um regime social é o sistema de “respostas” que organiza uma sociedade**. Ao longo da história, os seres humanos organizaram sua vida de muitas formas diferentes.

O capitalismo é um regime social, uma forma de organização da vida social, que começou há menos de 500 anos.

UMA SOCIEDADE DOMINADORA E EXPLORADORA

Durante a história existiram muitas sociedades mais ou menos **igualitárias**. Mas o capitalismo é um **regime social dominador**. Um regime é dominador quando existe um **grupo de pessoas** que tem **domínio** sobre o resto e de forma mais ou menos **permanente**. Ter o domínio significa ter a capacidade de conseguir a **obediência** de outras pessoas, obrigando-lhes fazer uma coisa ou outra, mesmo que isso lhes cause **sofrimentos ou prejuízos**. Os dominados podem obedecer aos dominadores **pela força**, ainda que geralmente façam isso porque a **cultura** dentro da qual foram educados lhes ensinou que isso é o correto ou que essa é a única forma de viver. Essa “**cultura da obediência**” nos faz acreditar, por exemplo, que essa dominação **imposta** pelo capitalismo é necessária e até normal. **Aprendemos essa cultura da obediência nas escolas, assistindo televisão e até mesmo com os nossos pais.**

Existem vários tipos de dominação, de acordo com as diferentes relações entre as pessoas. Por exemplo: existe uma dominação de **gênero**, quando os homens dominam as mulheres, fazendo com que elas trabalhem para eles, ou que recebam menores salários, ou que se comportem da forma que lhes agrada. Essa forma de dominação é chamada de **patriarcado**, que se expressa em nossa sociedade principalmente pelo **machismo**, ou seja, na crença de que os homens são superiores às mulheres. O patriarcado existiu na maioria dos regimes sociais do passado e ainda existe hoje.



Outras formas de dominação podem se estabelecer quando, por exemplo, os **brancos dominam os negros**, os **cristãos dominam os muçulmanos**, um **país domina outro** e fazem isso simplesmente por se acharem **superiores**.

A **principal dominação do capitalismo é a dominação econômica**, na qual uma **minoridade de ricos domina a maioria de pobres**.

Quando existe a dominação, existe a exploração. Quem domina é o explorador, os que são dominados são os explorados. Portanto, o capitalismo além de dominador, também é explorador.

UMA SOCIEDADE DE CLASSES

Como vimos, o capitalismo é um sistema que domina e explora economicamente e, por este motivo, podemos dizer que ele é um **regime de classes**. Isso significa que há uma classe de pessoas – **a classe dominante** – que, pelo lugar que ocupa na sociedade, pelas funções ou atribuições que possui (ou que diz possuir) **tem o direito de dominar os demais**.



A dominação de classes pode se justificar e se organizar por meio de várias instituições, normas, hábitos e idéias. Ela não foi uma invenção do capitalismo. Na Idade Média, por exemplo, existiam os reis, os nobres, os padres e os camponeses. Naquela época, os reis afirmavam serem escolhidos por Deus e, por isso, deveriam ser tratados com privilégios; os nobres, ou senhores feudais, nada mais eram do que herdeiros de grandes propriedades de terra, que utilizavam e obtinham recursos com a cobrança de impostos; e os camponeses, únicos trabalhadores daquela sociedade, tinham grande parte da sua produção agrícola usurpada pelos reis e nobres, na medida que eram dominados, pela força e pela cultura da obediência, ensinada principalmente pelos padres.

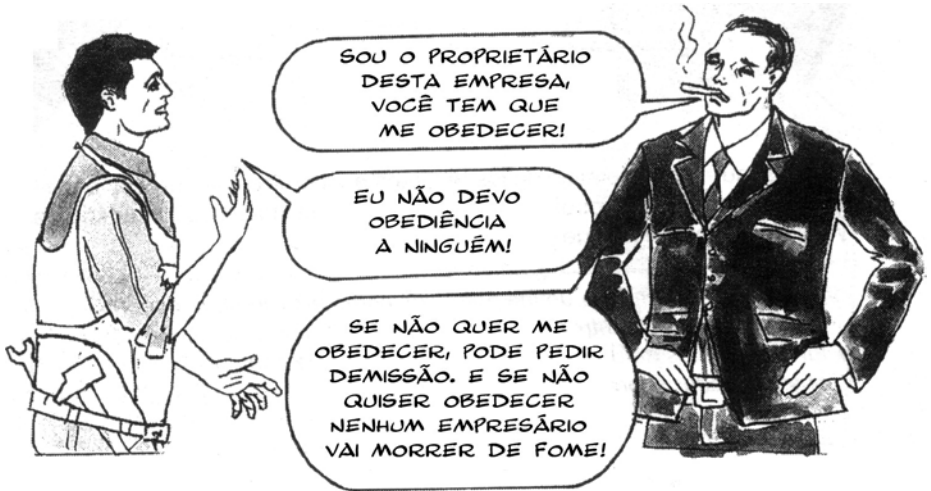
Na Índia se supunha que certas pessoas eram descendentes de deuses muito importantes e que, por isso, formavam uma **casta** superior. As castas inferiores deviam servir à casta superior.

Na União Soviética, os funcionários e chefes políticos sustentavam que eles tinham o **conhecimento** e a **autoridade** para comandar a sociedade, e, por esse motivo, deviam ocupar um lugar de **privilégio**.



Em todos esses casos, a sociedade havia desenvolvido todo um sistema de instituições, normas e crenças para organizar, legitimar e proteger o poder da **classe dominante**. Mas o poder da classe dominante no capitalismo tem uma forma diferente.

A sociedade capitalista é a primeira em que o poder da classe dominante não se define pelo nascimento ou por se pertencer a algum círculo fechado, mas fundamentalmente (mesmo que não somente) por diferenças econômicas entre as pessoas.



A CLASSE DOMINANTE (OU BURGUESIA)

A **classe dominante** no capitalismo é a **burguesia**, que se define pela quantidade e tipo de **recursos econômicos** que controla.

A burguesia se apropria dos meios de produção por meio da **propriedade da terra, das empresas, das máquinas, do dinheiro, dos bancos, do acesso ao conhecimento**, etc.

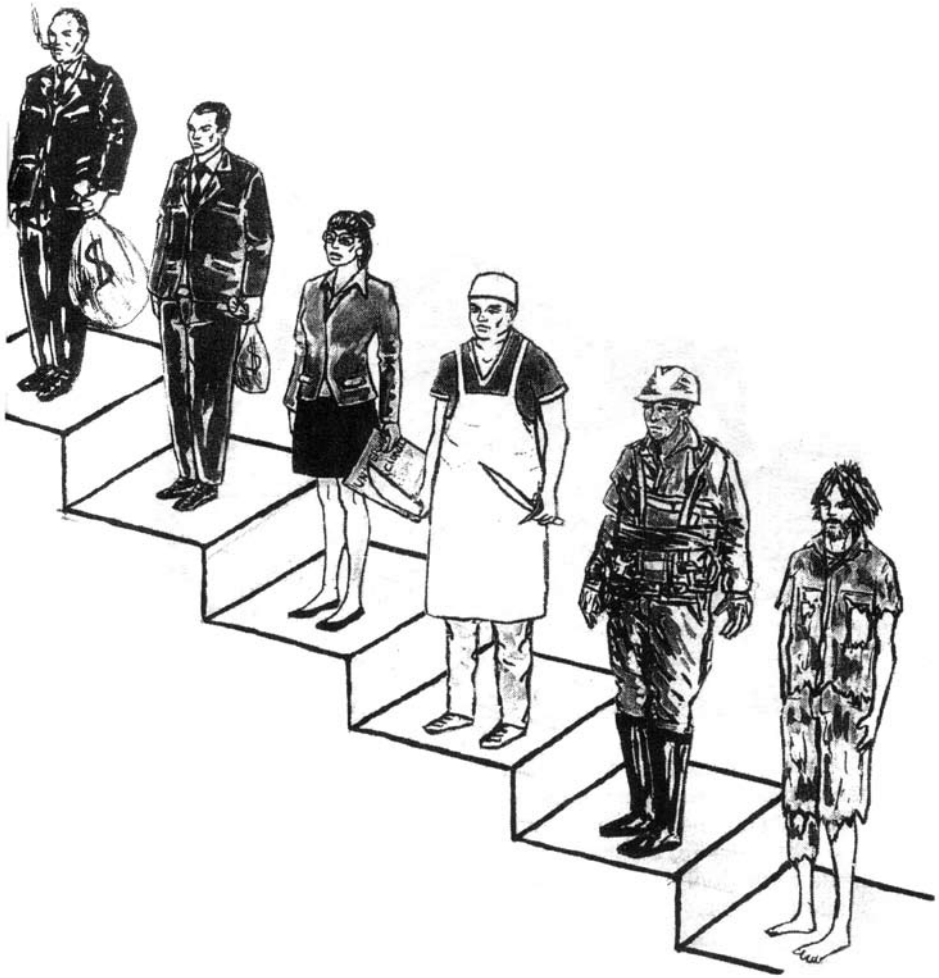
Porém, às vezes, ela também consegue **controlar** os recursos econômicos sem necessidade de ser sua proprietária, por exemplo, quando as ações de uma empresa estão divididas entre milhares de pequenos proprietários, mas só **um grupo de grandes empresários controla a administração**. Esta classe, daqueles que controlam, pode ser chamada de “**classe de gestores**” ou também de “classe dos coordenadores”.



Para assegurar seu domínio dos recursos econômicos, a **burguesia também precisa controlar outros recursos**; assim, ela obtém certos cargos políticos, financia campanhas milionárias dos políticos, patrocina o desenvolvimento científico e tecnológico, obtém cargos acadêmicos e judiciais, controla os meios de comunicação, entre outros.

A classe dominante se define, então, como o grupo que, direta ou indiretamente, controla os recursos econômicos e não econômicos fundamentais de uma sociedade. Por meio desse controle, consegue ter domínio sobre os demais. Esse domínio acontece quando a classe dominante coloca as pessoas para fazer aquilo que ela quer, ou que é mais vantajoso para ela, e não aquilo que o povo quer ou o que lhe é mais vantajoso.

Uma característica do capitalismo é que as classes não estão separadas de maneira absoluta e permanente. Não existem somente dois níveis: os extremamente pobres e os extremamente ricos. As classes estão divididas em diferentes e contínuos níveis de riqueza, que vão desde esses extremamente pobres até os extremamente ricos, passando por vários níveis intermediários. Não há muita diferença entre um nível e outro, mas **a distância entre os ricos e os pobres é enorme**, o que nos faz uma sociedade de **imensa desigualdade social**.



AS CLASSES EXPLORADAS

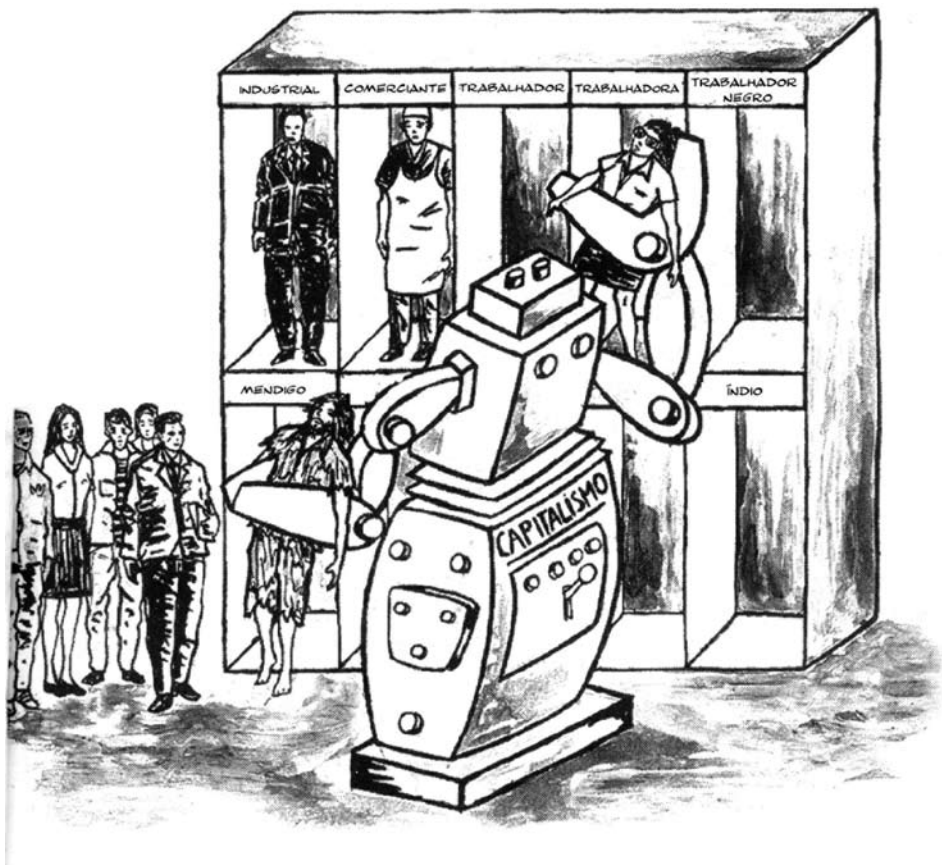
Com freqüência, os anticapitalistas discutem estas questões fervorosamente, pois supõem que cada um atua politicamente de acordo com a classe a que pertence. Mas então o que dizer do fato de que **professores e trabalhadores da classe média ou mesmo pessoas que vieram de classes altas foram grandes revolucionários**, enquanto **trabalhadores ou pessoas pobres foram grandes conservadores, reacionários e aliados do capitalismo?**



Identificar a que classe uma pessoa pertence e com que classe se aliar é válido, mas somente até certo ponto. Na realidade, fora a classe dominante, distinguir as classes sociais pode ser uma coisa enganosa, se elas forem pensadas como classes fixas e não modificáveis.

O capitalismo não é um sistema estático caracterizado apenas pela divisão de classes, mas um processo constante e cotidiano de separação das pessoas em classes diferentes.

Há pessoas que afirmam que as classes não existem mais. Elas dizem que a divisão de classes no século XIX era mais clara: burgueses (aqueles que detinham os meios de produção) e proletários (os trabalhadores explorados).



Como a situação mudou muito hoje, e esta definição não consegue contemplar todas as camadas de nossa sociedade (todas essas que vimos acima): elas dizem que a sociedade de classes não existe. Ou mesmo que o **conceito de classe é ultrapassado. Será?**

Basta olharmos em nossa volta que vamos ver: **independente das classes terem ficado mais complexas e sua divisão mais difícil, não podemos negar que existem aqueles que gostam do capitalismo (a classe dominante) e outros que estão sofrendo as suas conseqüências (as classes exploradas).** Alguns pensadores, como reforço das novas formas de luta, chegam a afirmar que hoje o trabalhador explorado, aquele antes chamado de proletário, é na realidade o que vive em rebelião contra o sistema capitalista. Muitos inclusive sem lugar na esfera produtiva tradicional. Independente da divisão de classes que formos utilizar, é possível notar essa grande diferença entre as classes.

INDEPENDENTE DA SUA ORIGEM, VOCÊ TERÁ QUE ESCOLHER DE QUE LADO VOCÊ ESTÁ. OU VOCÊ DEFENDE A CLASSE DOMINANTE E O CAPITALISMO, E, POR ISSO, DEFENDE A CONTINUIDADE DO SISTEMA DE DOMINAÇÃO E EXPLORAÇÃO...

OU VOCÊ DEFENDE AS CLASSES EXPLORADAS E, PORTANTO, É ANTICAPITALISTA, NO SENTIDO DE QUE LUTA PARA O FIM DO CAPITALISMO E PARA QUE NÃO EXISTA MAIS UMA SOCIEDADE DE CLASSES.



As classes exploradas se definem como o grupo que é dominado pela classe dominante. Como as classes exploradas não possuem e nem controlam os recursos fundamentais da sociedade (econômicos e não econômicos), terminam por ser exploradas pela classe dominante. Independente de como essas classes exploradas estejam divididas, isso não nos importa: o fato é que há alguns poucos que exploram e muitos que são explorados.

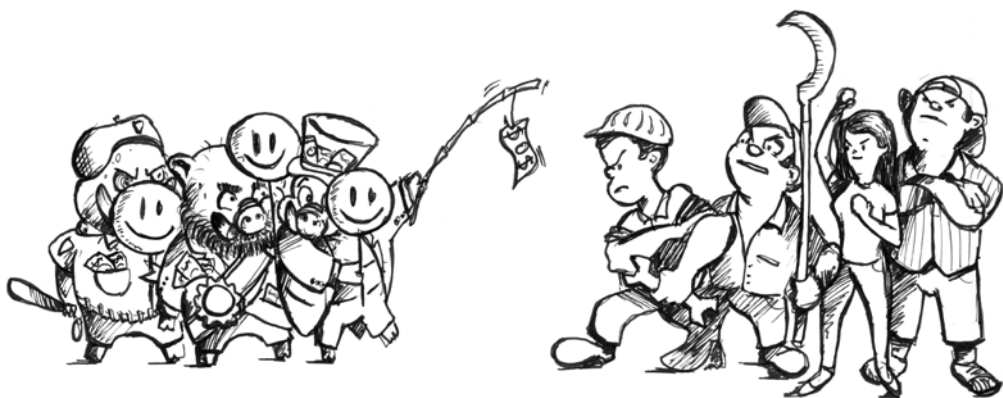
LUTA DE CLASSES

Por ser uma sociedade de classes, o capitalismo cria uma tensão permanente: **a luta de classes**. Assim como a dominação e a exploração estão presentes em cada canto da sociedade, a resistência também está.

O capitalismo implica **não só na exploração econômica**, mas também em **tirar das pessoas sua capacidade de fazer as coisas, sua liberdade de se movimentar, sua possibilidade de decidir de maneira autônoma como querem viver**. Por isso mesmo, o capitalismo enfrenta uma **resistência constante, uma luta em que os oprimidos buscam fugir da dominação, da exploração e recuperar a capacidade de fazer as coisas, a liberdade de movimento, a possibilidade de decisão**.

A luta de classes é esse combate constante entre a dominação e a vontade de se livrar dela. Pode ser mais ou menos consciente, mais ou menos politizada, mais ou menos visível, mas sempre está presente.

A luta de classes está presente quando um trabalhador faz greve, mas também quando abandona seu trabalho em busca de um patrão menos explorador. Está presente em uma grande revolta, mas também quando alguém trabalha lentamente, por não conseguir se organizar com outros explorados, chegando mesmo ao tédio. Está presente nas ações coletivas e conscientes – por exemplo, em uma manifestação de trabalhadores desempregados ou de trabalhadores sem-teto ou sem-terra – mas também nas ações individuais e inconscientes – como um jovem que busca um tipo de carreira que não o coloque na condi-



ção de assalariado ou em um morador pobre que, por extrema necessidade, faz um “gato” para usar luz sem pagar.

A luta de classes obriga o capitalismo a desenvolver permanentemente novas formas de dominar, de explorar e de dividir as pessoas. Mas as pessoas sempre arrumam um jeito de se juntar de novo, de fugir da dominação, da exploração, de ganhar espaços de liberdade.

Por esse motivo, **o poder da classe dominante só pode ser instável e frágil**, e precisa se reformular todos os dias. O capitalismo é um sistema que vive permanentemente em crise, pois essa crise é inerente a ele, além de se manifestar de forma contínua. Mesmo que existam explicações técnicas, **a causa dessas crises econômicas que o sistema sofre somos nós, nossa capacidade de escapar, de resistir e de nos rebelar contra o sistema capitalista.**

PROPRIEDADE PRIVADA

No capitalismo a classe dominante constitui seu poder por meio de uma série de crenças e instituições que permanentemente devem mudar, se adaptar, ou serão eliminadas pela luta de classes. Mas há algumas que são relativamente estáveis. Uma das mais importantes é a idéia de que alguns recursos que existem no mundo podem ser **propriedade privada**.

A propriedade privada também é uma invenção do ser humano, ou seja, não “nasce” com a gente. No passado, além da propriedade dos reinos e dos senhores feudais, existiam grandes áreas de uso comum. Nelas, os camponeses usavam conjuntamente as terras, dividindo o resultado do esforço do trabalho coletivo.

A propriedade privada, nada mais é do que o direito de uso exclusivo, que uma pessoa possui, sobre qualquer tipo de recurso.

Há recursos que ainda não foram privatizados, tal como a atmosfera. Ainda, felizmente, não é necessário pagar a ninguém pelo ar que respiramos. Mas os capitalistas também se aproveitam desta situação, e por isto, não se preocupam com a poluição do ar, e mantêm funcionando, por exemplo, indústrias muito poluidoras.

A propriedade privada **produz efeitos perversos sobre a sociedade**. O que acontece com os filhos das classes exploradas, que nascem em um mundo que já se encontra praticamente todo cercado? Para onde irão? O que farão?



A propriedade de uma coisa é privada quando alguém privou ou roubou os demais da possibilidade de utilizá-la. Por exemplo: quando um proprietário tem um monte de casas ou terras vazias e nos priva do direito de morar. O motivo dessas casas ou terras serem propriedade privada, mesmo que os proprietários não as utilizem, lhes dá o direito de nos privarem do direito de morar, ou seja, eles nos roubam o direito de morar!

A propriedade privada não é uma coisa nova: desde tempos imemoriais já existiam os direitos exclusivos sobre alguns bens: um pedaço de terra, os instrumentos de trabalho, etc. No capitalismo, esse tipo de direito se ampliou até abarcar quase tudo. Milhares de hectares de terras e vários lagos hoje podem ser propriedade privada, da mesma forma que portos, empresas, músicas, idéias, genes, ou milhões de dólares em um banco. Também se permite que algumas pessoas se apropriem, sem pagar nada, das poucas coisas que não são privadas. Por exemplo: uma empresa pode contaminar o ar de todos e

ocupar nosso espaço visual com propagandas. **O capitalismo é uma máquina de privatizar.**

MERCADORIA, SALÁRIO E MERCADO

Outra instituição fundamental do capitalismo é a **mercadoria**. A **mercadoria é tudo aquilo que se produz para vender e para se ter lucro**. Também existiu, desde sempre, a compra e venda de objetos em espaços que se chamavam mercados. Porém, no capitalismo **todo espaço tende a se transformar em um grande mercado e quase tudo se transforma em mercadoria vendável**. Não só um peixe ou uma panela, mas também a saúde, a educação, a informação e a segurança. Para poder ter acesso ao que se privatiza, cada vez mais é necessário pagar, ou seja, fazer uma compra. Isso inclui o tempo das pessoas que também se transformou em mercadoria.

A história da transformação do tempo em mercadoria pode muito bem ser contada pela evolução do relógio, máquina que nasceu aparentemente inocente e útil. No século XVIII, quando o capitalismo engrenava sua grande arrancada para a Revolução Industrial, apareceu o relógio com apenas o ponteiro das



horas. No século seguinte, era a vez do aparecimento do ponteiro dos minutos. Isso para melhor dividir o tempo em frações e roubá-las dos trabalhadores, de forma ainda mais eficiente. As jornadas de até 16 horas nas fábricas agora tinham um aliado de precisão. Não era mais o dia ou a noite que ditavam os ritmos do trabalho. O tempo não era mais o natural, o das estações do ano, da duração maior ou menor das noites ou das variações de temperatura. Os trabalhadores tinham que obedecer ao tirânico compasso dos relógios, quase sempre acertados pelo fuso horário do patrão. Antes ainda do fim do século XIX, para saciar a velocidade da produção fabril, foi então inventado o ponteiro dos segundos.

Hoje um empresário pode comprar tempo de trabalho para utilizá-lo em seu próprio benefício em troca de um salário. A diferença entre o que o trabalhador produz com seu trabalho e o que recebe como salário é o que se chama de mais-valia. No capitalismo, a classe dominante se apropria da mais-valia que os trabalhadores e a sociedade produzem.

Nas sociedades pré-capitalistas, a classe dominante se contentava em exigir um **imposto ou tributo** da população, sem pretender controlar também seu tempo. No capitalismo, a classe dominante não “obriga” ninguém a pagar tributo nem a trabalhar para ela.

Essa “obrigação” é indireta. **As pessoas que foram privadas de seus recursos não têm outra opção senão a de entregar tempo de trabalho “voluntariamente” à classe dominante, para obter um pagamento que lhes permita não morrer de fome. Esta obrigação, que parece voluntária, se chama coerção econômica.**

Então, o capitalismo poderia ser definido como uma série de hábitos, leis e instituições políticas e econômicas, e toda uma cultura, que garantem e legitimam o fato de algumas pessoas poderem privar os demais do acesso a quase todo o tipo de recursos, e que possam usar os demais para seu próprio enriquecimento. Apoderando-se do trabalho dos demais, a classe dominante produz mercadorias para vender rapidamente no mercado. Assim, ela tem um lucro que lhe permite acumular riquezas cada vez maiores, para com elas manter e aumentar o seu poder.

A “ACUMULAÇÃO PRIMITIVA”

Antes do capitalismo, a grande maioria dos homens e mulheres possuía seus próprios **meios de produção** – **terras, animais, instrumentos de trabalho** – ou os dividia coletivamente com seus vizinhos. Nessa época, ninguém tinha aceitado vender seu tempo de trabalho para outra pessoa somente para sobreviver; ainda não havia necessidade disso. Nessa época, nem o tempo e nem o trabalho eram considerados mercadorias.

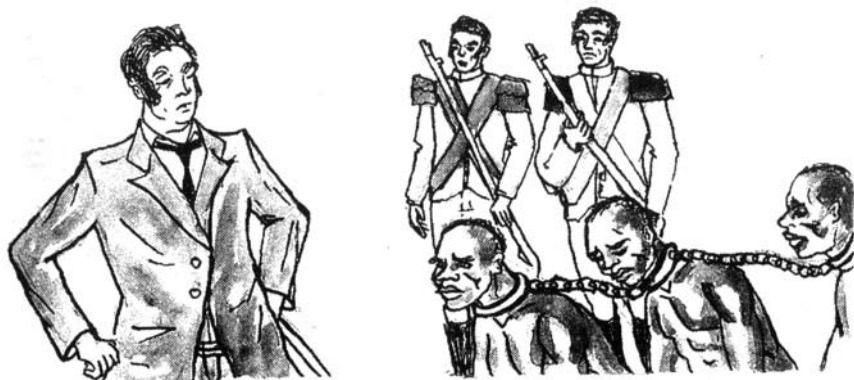


Por isso, o estabelecimento do capitalismo precisou de um longo processo de assalto dos meios de produção dos trabalhadores, das riquezas e recursos de povos inteiros das mãos dos produtores diretos. Impedindo as pessoas viverem de acordo com as suas próprias decisões e costumes.

Esse processo de expropriação é o que se chama **acumulação primitiva**. Em termos históricos, ela significou, entre outras coisas, a **expulsão de milhares de camponeses** de suas terras na Europa e em outros lugares, **para lhes obrigar a serem trabalhadores da cidade**.



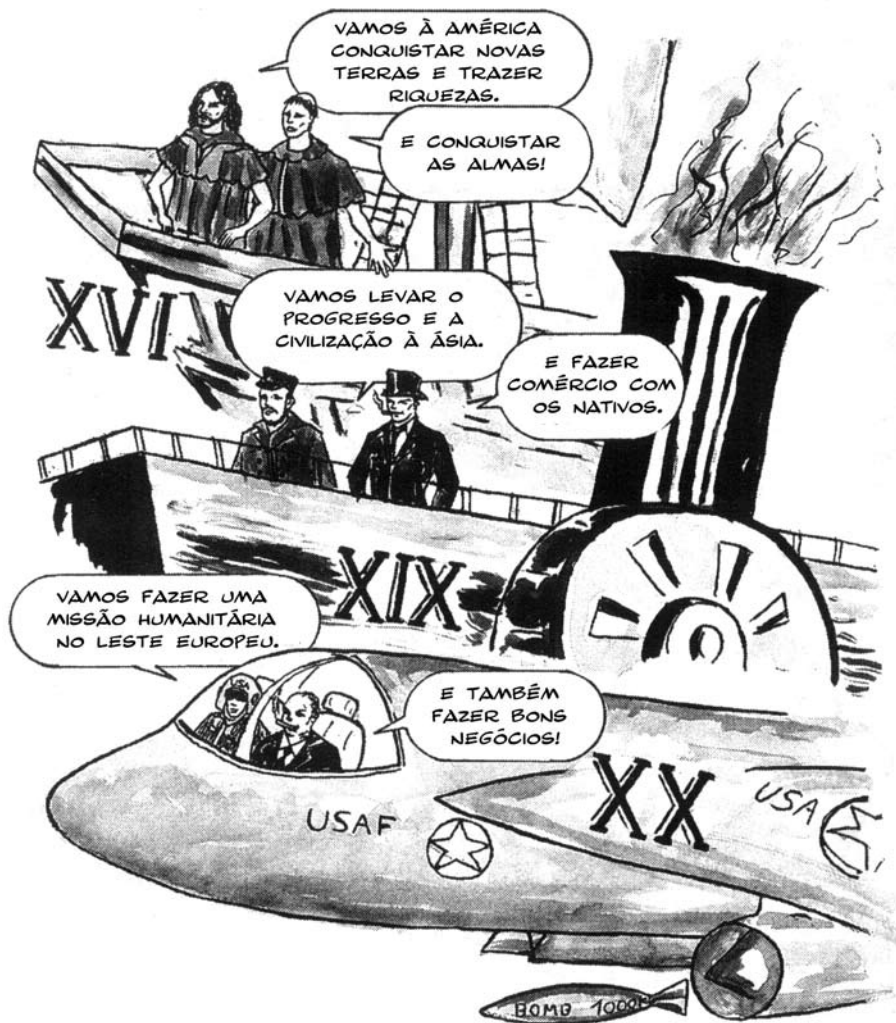
Também significou o **saque colonial** das riquezas de todo o mundo durante séculos, a **imposição de governos coloniais sangrentos**, o **aniquilamento de grupos étnicos** inteiros que se negaram à submissão, etc.



Há aqueles que crêem que a **acumulação primitiva** foi só um período de inauguração do capitalismo, uma espécie de “**ponta-pé inicial**”. Outros acreditam que, na realidade, o capitalismo é uma grande e constante **acumulação primitiva** que só terminará quando o próprio sistema terminar. Em qualquer caso, está claro que o capitalismo é um regime fundado sobre a **violência**.

UM SISTEMA MUNDIAL E EXPANSIVO

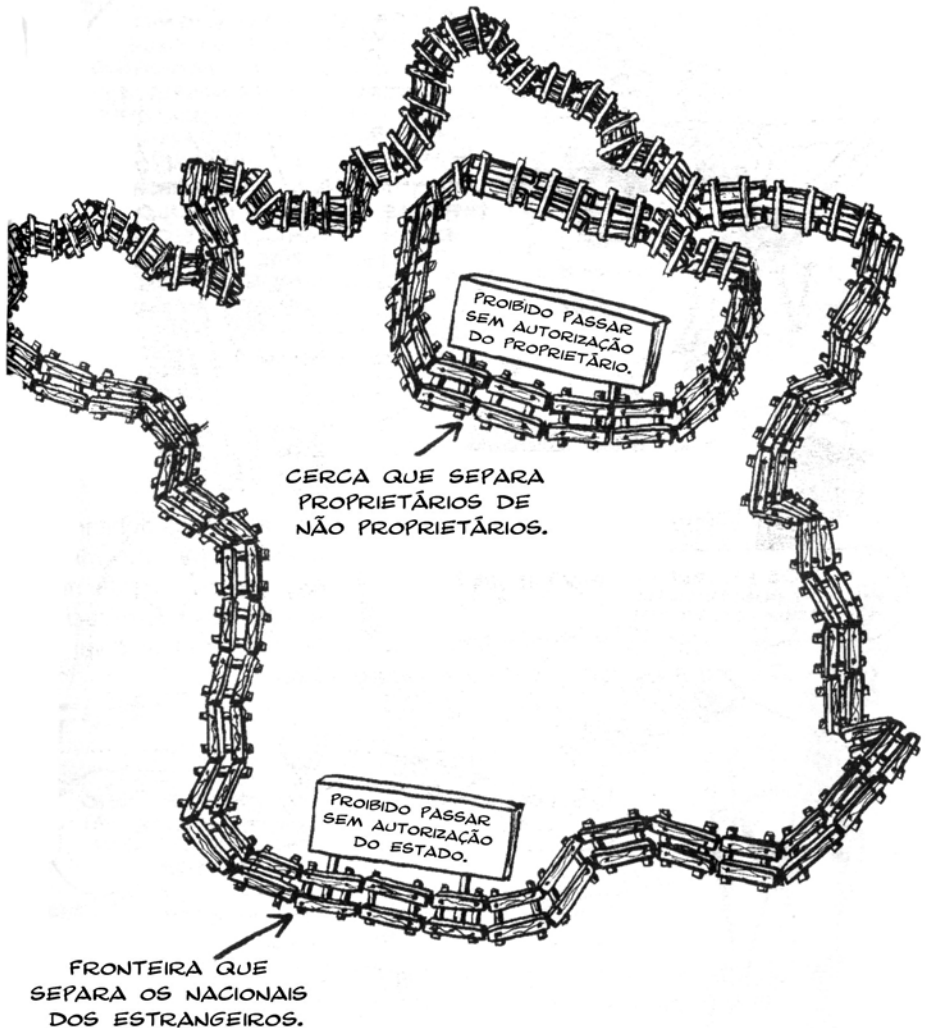
Ainda que tenha começado a surgir na Europa há apenas cinco séculos, o capitalismo logo passou a influenciar todo o planeta; sua lógica expansiva parece não ter limites.



A possibilidade de expansão é fundamental para o capitalismo; é a sua forma de resolver sua crise inerente. **Sem expansão, ele simplesmente desmoro-naria.**

OS ESTADOS NACIONAIS

Ao longo da história, o capitalismo se expandiu, criando instituições e formas sociais que antes não existiam. Entre suas primeiras criações estão **as fronteiras e os Estados-Nação**.



A noção de que uma **autoridade política deve coincidir perfeitamente com um espaço geográfico claramente determinado e com fronteiras** é uma invenção do capitalismo; antes, essa noção não existia.

Também é nova a idéia de que **os espaços ocupados por um Estado devem coincidir com uma nação**, ou seja, com um grupo de habitantes ou com uma cultura e uma identidade mais ou menos homogêneas.

Na Europa, antes do capitalismo, só existiam algumas cidades e, entre elas, os vastos territórios feudais. Essas cidades não pertenciam, como hoje acontece, a países e em cada uma delas encontrava-se um povo com seus hábitos e costumes. **As fronteiras e os Estados foram então inventadas pela classe dominante**, que estava interessada em pagar menos impostos e lucrar mais com a venda das suas mercadorias.

Assim, **o capitalismo impôs uma língua, leis e costumes únicos e uniformes a habitantes de grandes espaços que, anteriormente, viviam com maneiras e culturas diferentes. A ideologia do nacionalismo é parte desse processo.** Há alguns poucos séculos, a identidade nacional não existia.

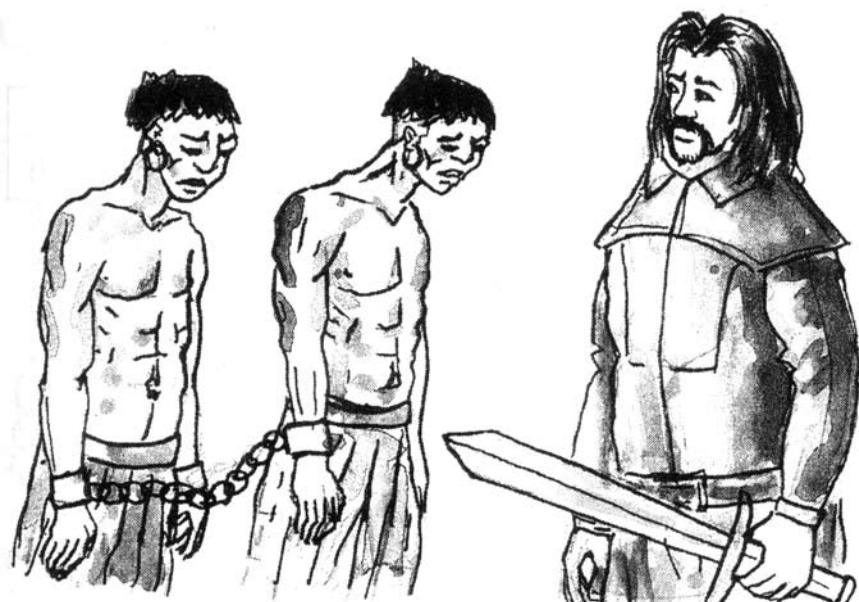
A construção das nações também separou os habitantes dos distintos espaços “nacionais”. Cruzando uma das novas fronteiras, as pessoas passavam a ser estrangeiros e a perder muitos de seus direitos. **Todo esse trabalho de uniformização e ao mesmo tempo de divisão das pessoas levou séculos de guerras e violência estatal.**



O IMPERIALISMO

Um **segundo ciclo de expansão** foi em direção aos **territórios “descobertos”** a partir do século XV. Por meio do **imperialismo** e do **colonialismo**, as **novas nações capitalistas se apropriaram cada uma de enormes regiões e obrigaram seus habitantes a trabalharem para elas.**

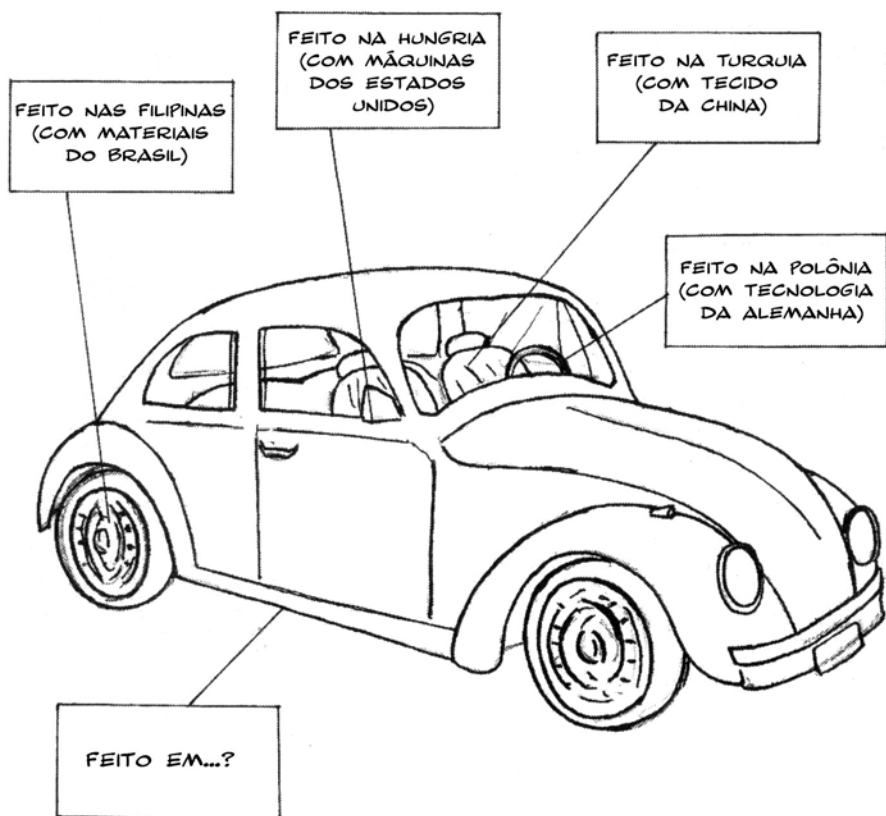
Movidos pelo desejo de lucro, **os capitalistas saquearam o ouro e a prata da América, escravizaram milhões de africanos, exploraram trabalhadores chineses, expropriaram camponeses da Índia e muitos outros absurdos semelhantes, durante 500 anos.** As companhias comerciais, junto com os Estados-Nação, foram as principais instituições que lideraram esta expansão.



O imperialismo também produziu a **uniformização do mundo**. Por exemplo, os colonizadores quiseram **impor aos povos colonizados seus costumes**, pois queriam deixá-los semelhantes; **impuseram as línguas e as culturas** europeias aos colonizados. No entanto, também houve novamente uma divisão das pessoas de acordo com critérios de **nacionalidade, religião ou cor da pele**. Todos os não-brancos passaram a ser considerados “inferiores” e aptos para serem explorados e escravizados. **A etapa do imperialismo também foi marcada pela guerra e violência do Estado e enormes sofrimentos para a maior parte da humanidade.**

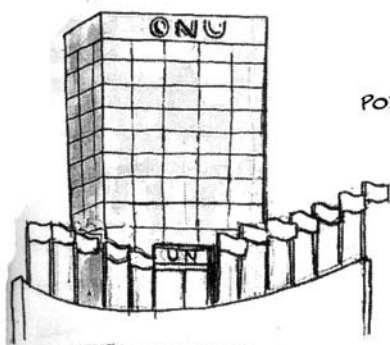
A GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

A terceira etapa de expansão do capitalismo é a atual, que alguns chamam de **globalização**. **Globalização econômica** significa um **grau muito maior de integração da produção, distribuição e troca em escala mundial**. Cada parte de um mesmo produto é fabricada em locais diferentes do mundo, os produtos são importados e exportados. As próprias empresas se organizam de maneira transnacional.

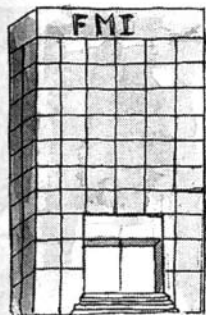
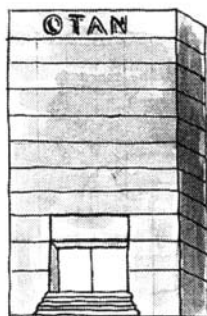


Nesta fase, o imperialismo e as nações já cumpriram boa parte de sua missão, e **novas instituições foram surgindo para aprofundar a expansão capitalista**. **Os investimentos e as empresas transnacionais precisam se movimentar livremente** sem serem afetados por nenhuma fronteira nacional e, para isso, é necessário uniformizar certas regras de funcionamento econômico em todo o mundo e com elas certos temas culturais de todas as nações.

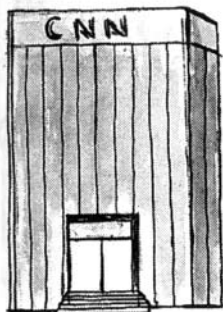
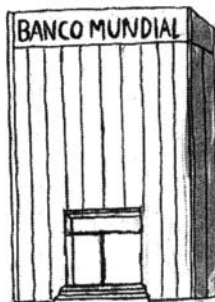
Os **Estados nacionais** já não conseguem cumprir todas essas tarefas e, pelo contrário, **vão perdendo seu poder**. Para complementá-los vão surgindo **instituições transnacionais privadas e (supostamente) públicas que regulam e organizam a vida em escala global**. Alguns exemplos destas instituições são: a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI).



PODER JURÍDICO
E MILITAR

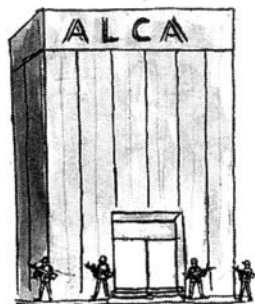


CONTROLE
E REGULAÇÃO
DA ECONOMIA
MUNDIAL



REDES
DE INFORMAÇÕES
MUNDIAIS

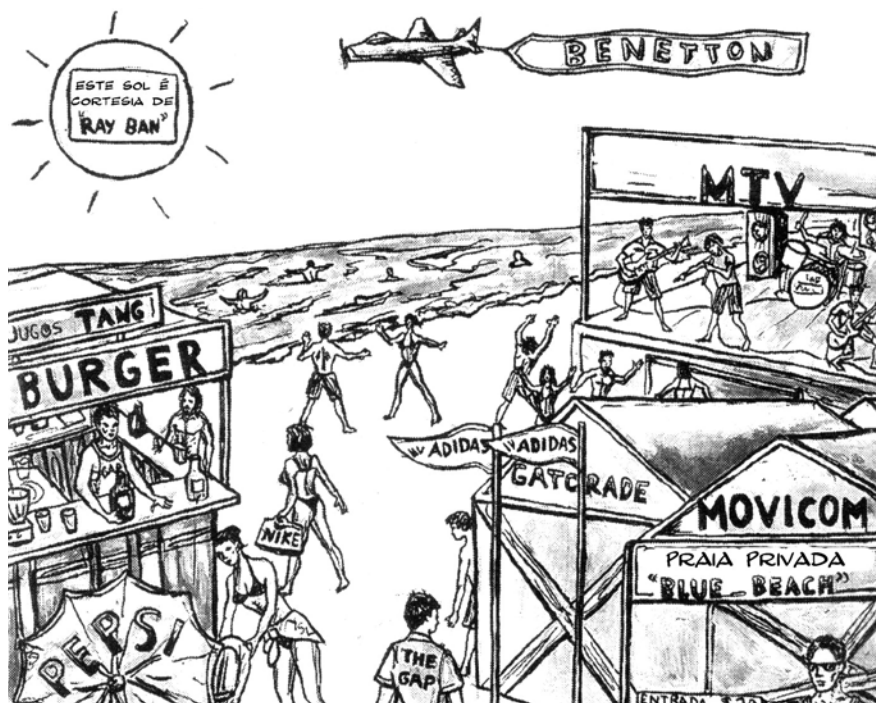
ÁREA DE LIVRE
COMÉRCIO,
ADMINISTRAÇÃO



Na globalização econômica, o capital tem livre fluxo entre os países, o que não acontece com as pessoas. Um trabalhador mexicano pode ser explorado pelas empresas dos Estados Unidos, mas ele não pode sair do México e entrar nos Estados Unidos. Este é mais um reflexo do capitalismo que privilegia o dinheiro em vez de privilegiar as pessoas.

EXPANSÃO INTERNA

Porém, o **capitalismo** não se expandiu somente para o exterior. Ele também se **expandiu em direção ao interior das regiões que já são capitalistas**, intensificando ainda mais sua presença. Rios e mares, praças e parques, escolas e universidades, teatros e espetáculos, estão cada vez mais se tornando **mercadorias**, invadidos pela presença da **publicidade** em todos os cantos e pela dependência dos **patrocínios**.



A expansão – externa ou interna – é fundamental para que o capitalismo possa sobreviver à sua crise interna permanente.

Cada vez existem menos espaços públicos atrativos e seguros, motivo pelo qual as pessoas se vêem forçadas a optar por espaços privados e que já são mercadorias. Uma coisa tão simples como um passeio pela praça ou pela rua principal de um bairro tende a ser substituído hoje por uma visita ao shopping center.

O capitalismo, através da invenção da propriedade intelectual, transformou o conhecimento, que é um avanço da colaboração da humanidade, em mercadoria.

Por exemplo: muito antes das atuais pastas de dente, os índios que aqui habitavam já utilizavam o Joá, que é uma árvore brasileira, como forma de diminuir os problemas com as cáries nos dentes. A classe dominante roubou esse conhecimento do povo e o transformou em uma mercadoria que só ela pode produzir e vender. A propaganda “ensina” que é só com as pastas de dente que podemos prevenir as cáries, condicionando, pouco a pouco, todos a comprarem essa mercadoria.

A mesma coisa acontece com as sementes de milho e soja; alimentos naturais que estão sendo modificados pela engenharia genética. Ou seja: a classe dominante, mais uma vez, usa a tecnologia contra as classes exploradas, transformando algo que é de todos, em propriedade privada. Os agricultores que rejeitam sementes geneticamente modificadas são surpreendidos, muitas vezes, com suas plantações contaminadas pelas plantas dos seus vizinhos, grandes latifundiários que utilizam as sementes “transgênicas”.

E os oceanos, últimos espaços de uso comum da humanidade, estão sendo cada vez mais privatizados. Quantas praias já não são de uso exclusivo dos grandes empresários do turismo? Os peixes, antes livres nos oceanos, agora viraram propriedade privada dos “agricultores marinhos”, os maricultores.

O capitalismo também penetra cada vez mais em nossas mentes e em nossa vida pessoal, de modo que trabalhamos cada vez com maior intensidade e por menor remuneração e só podemos usar o nosso tempo de forma que produza lucro, pois mesmo em nosso “tempo livre”, muitas vezes fazemos cursos de aprimoramento, estudamos coisas que nos desagradam ou que não nos interessam etc., para aumentar nosso conhecimento técnico e, conseqüentemente, nossa produtividade, em benefício dos patrões.



A intensidade do trabalho nos deixa cada vez **menos oportunidades** para desenvolver nossa **vida pessoal**. A ditadura da **moda** e do **status** nos obriga a **consumir** de determinada maneira e a ter determinadas opções de vida (por exemplo, que tipo de carreira seguir), e **condiciona** as crianças desde cedo.

E O ESTADO?

Uma das questões mais difíceis de entender do capitalismo é o que é o Estado e como ele funciona. O Estado não é neutro, mas está ao lado da classe dominante.

Antes do século XX, **o Estado era somente repressão**. As leis que desenvolvia e defendia serviam à manutenção dos privilégios das classes dominantes e eram garantidas com “mão de ferro”.

As lutas de classes que agitaram os séculos XIX e XX **contribuíram para o surgimento de uma nova forma de Estado**, que se caracteriza pela **aplicação das políticas de “bem-estar social”**, que serviram como medidas **para conter a fúria das classes exploradas**.

A partir daí, se verificou que o Estado podia fazer **leis importantes em benefício dos trabalhadores**, incluindo leis que aparentemente prejudicavam os poderosos. Entre os anticapitalistas, começou então um intenso **debate**, que continua até hoje. Até que ponto o Estado depende da classe dominante? O Estado tem algum grau de autonomia?

Parte dos anticapitalistas se confundiu ao tratar da questão do Estado. Uma parte achava que o Estado poderia ser um meio para a emancipação dos trabalhadores (a ser atingido ou pelas eleições, ou pela revolução). Outra parte dos anticapitalistas reivindicou que o Estado é parte integrante da sociedade de classes e por isso deveria ser destruído, junto com o capitalismo, para que os trabalhadores fossem emancipados. Com o passar da história, esta segunda parte se mostrou a mais correta. Exemplo disso foi a União Soviética, onde um sistema “socialista” com Estado se mostrou igualmente (ou mais) opressor que o próprio sistema capitalista.

GARANTIR A ACUMULAÇÃO

A função do Estado tem a ver no mínimo com dois aspectos: garantir a **acumulação econômica de longo prazo** e assegurar a **legitimidade do sistema**.

Sem o Estado, os capitalistas individuais não poderiam assegurar a continuação da sua acumulação de lucro.

Por exemplo: sem regulação estatal os empresários do ramo da pesca, pescariam até acabar com todos os peixes.



No entanto, essa forma de pensar dos empresários acabaria fazendo com que todos os negócios se esgotassem. Por isso, a **regulação da economia** é uma função imprescindível que o Estado capitalista realiza para **garantir a acumulação de longo prazo**. Pode parecer que o Estado prejudica o empresário da pesca individualmente quando impõe limites, mas na realidade ele está beneficiando a classe a que ele pertence.

ASSEGARAR A LEGITIMIDADE

Como o capitalismo está permanentemente ameaçado pela luta de classes, o Estado também tem a função de fazer com que a **sociedade capitalista pareça legítima**. Se a maioria das pessoas tivesse opinião de que todo o sistema é ilegítimo, então se derrubaria o capitalismo com facilidade. **Quando a legitimidade falha, o Estado também é responsável pela repressão. Mas nenhum sistema sobrevive muito tempo se estiver baseado somente na repressão; o Estado deve sempre assegurar a legitimidade da sociedade capitalista.**



AS DUAS CARAS
DO ESTADO.

Por isso, o Estado precisa manter a todo custo uma aparência de neutralidade. Ainda que seja capitalista do começo ao fim, o Estado precisa parecer independente, autônomo de qualquer pressão dos poderosos. É por isso que, em muitas ocasiões, o Estado inclusive cria leis que podem prejudicar os interesses de curto prazo desses poderosos. É essa aparência de neutralidade que confunde muitos dos que tratam de entender como funciona o Estado.

O ESTADO E A LUTA DE CLASSES

Por mais que saibamos que o Estado e a sociedade não são a mesma coisa, a sociedade capitalista de hoje se apóia no Estado para sobreviver e há influência mútua entre Estado e sociedade. **As mudanças na sociedade se traduzem, às vezes, em mudanças no Estado, e as mudanças no Estado normalmente se traduzem em mudanças na sociedade.** E assim como a **luta de classes vai moldando** permanentemente cada canto da sociedade, ela também o faz com o **Estado**. Por exemplo, quando o Estado assegurou a jornada de trabalho de oito horas, isso não foi somente uma mudança vinda do Estado, mas também uma mudança da sociedade que, mobilizada, operou esta conquista em relação ao Estado.

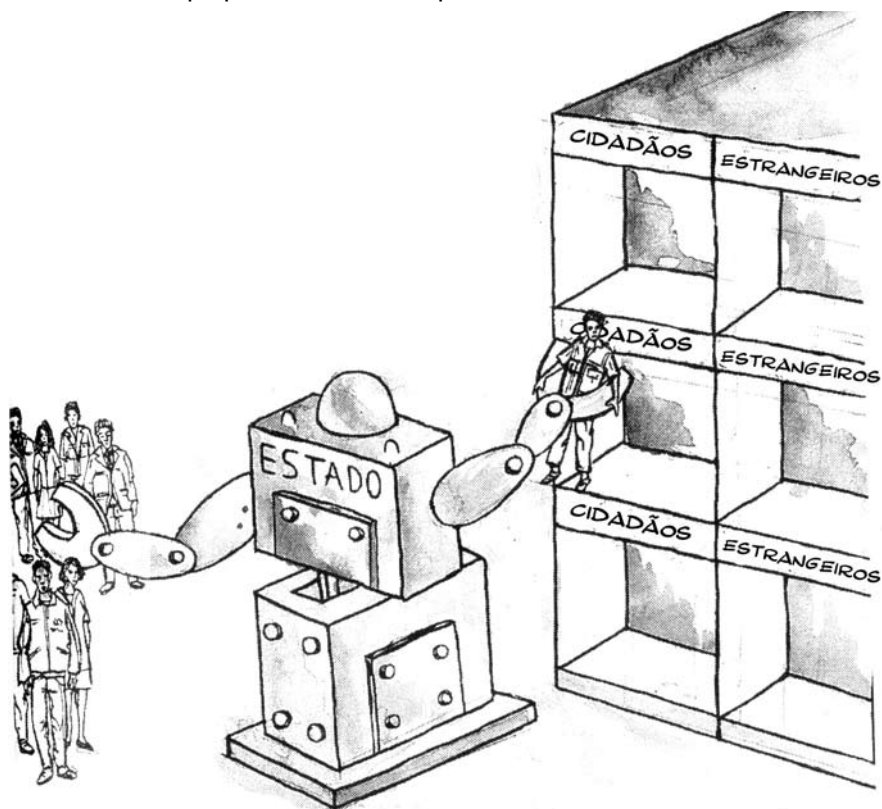


A **lei das oito horas** diárias de trabalho – que, sem dúvidas, prejudicava os interesses de curto prazo dos empresários – refletiu a maior **força que os trabalhadores tiveram para fazer com que a classe dominante fosse obrigada a aceitar sua reivindicação.** O Estado teve que fazer esta lei para assegurar a **legitimidade do sistema**, que estava em perigo com o fortalecimento das lutas anticapitalistas da época. Essas lutas foram muito fortes no Brasil no início do século XX.

A luta de classes pode mudar aspectos importantes da forma do Estado e de suas funções, na mesma medida que pode fazer isso com outros aspectos da sociedade, como por exemplo, com uma empresa, quando os trabalhadores lutam por melhores salários ou por uma jornada de trabalho menor.

UMA MÁQUINA DE SEPARAR E HIERARQUIZAR

O Estado também é uma **máquina de separar as pessoas e de hierarquizar os direitos que elas têm**. Em primeiro lugar, ele separa os seres humanos em muitas soberanias políticas diferentes, ou seja, em países que estão sob Estados diferentes, separados por fronteiras. Os cidadãos só têm direitos políticos dentro de seus próprios Estados e os perdem, se cruzarem a fronteira.



Os seres humanos que um Estado define como **estrangeiros**, muitas vezes nem sequer possuem a liberdade de circular livremente pelo território.

SOCIEDADE GLOBAL, DIREITOS LIMITADOS

A ideologia nacionalista própria do capitalismo nos faz pensar que o espaço da sociedade coincide perfeitamente com o de um Estado ou país. Porém, se a **sociedade é o conjunto das relações que estabelecemos entre nós e com a natureza, está claro que essas relações não terminam nas fronteiras do país no qual vivemos.**

Ainda que não tenhamos percebido, **estamos todos interconectados** de forma positiva ou negativa. O funcionamento da produção, o comércio, a circulação de idéias, as modas ou a cultura, conectam as pessoas no espaço global.

Não existe uma “sociedade francesa” ou uma “sociedade peruana”, como se fossem entidades separadas e independentes. **A sociedade em que vivemos é global e interdependente.**



Os Estados fragmentam, separam e dividem a sociedade global, criando zonas geográficas e grupos humanos privilegiados e outros oprimidos. Uma das funções dos Estados é limitar nossos direitos dentro de fronteiras, para que não possamos mudar o funcionamento da sociedade (global) no seu conjunto.

PÚBLICO E PRIVADO

A segunda separação que o Estado faz é entre o **privado** e o “**público**”. O sistema legal e constitucional estabelece que existe toda uma região da vida social que a própria sociedade não pode “tocar”, porque é **privada**. Ninguém – nem mesmo o Estado – tem a possibilidade de legislar sobre o que se consideram direitos privados de um indivíduo. Em princípio, não há problemas nisso. O problema é que, **no capitalismo, somente certos tipos de direito tem este privilégio de ser definidos como privados (ou mesmo de serem considerados direitos)**.



A linha que separa um **direito** de uma mera **reivindicação**, ou o que é **público** e o que é **privado**, não é fixa e foi sendo mudada ao longo da história. Há séculos os homens e as mulheres lutam para trazer os privilégios privados de volta à esfera pública, para que a sociedade possa decidir democraticamente se quer conservá-los ou não.

É importante fazermos uma distinção entre o que é público e o que é estatal. As pessoas geralmente chamam uma empresa de pública quando ela é do Estado. No entanto, uma empresa só é pública quando ela pertence a todos que nela trabalham. Um espaço é público quando pertence à comunidade. As universidades seriam públicas se o conjunto de professores, alunos e funcionários fizessem sua gestão por conta própria e não como hoje, que respondem a um “Estado-patrão”.

MAS POR QUE NÃO MUDAMOS TUDO ISSO?

O capitalismo é uma forma de organização social injusta, que causa enormes sofrimentos à grande maioria das pessoas: produz pobreza e exploração, submete os seres humanos à passividade e limita suas potencialidades, estimula muitas formas de discriminação, alimenta a violência e o medo, atenta contra os direitos básicos, destrói o planeta. Os anticapitalistas vêm dizendo isso há muitos anos. Por que então não mudamos tudo isso?

A FALSA DEMOCRACIA

Na realidade, **vivemos em uma falsa democracia**. No século XIX, quando nossos antepassados começaram a lutar pela democracia, eles se referiam a ela no seu sentido original: **o governo do povo**. Nesta época, as elites liberais se opunham fortemente à idéia de democracia; **o liberalismo sempre foi inimigo da democracia**.

O POVO NÃO TEM CAPACIDADE PARA SE AUTOGOVERNAR. SOMENTE OS RICOS E OS PROPRIETÁRIOS DEVEM TER DIREITOS POLÍTICOS COMO O VOTO. SE A "GENTILHA" ENTRAR NO GOVERNO, VIRÁ TAMBÉM A TIRANIA E OS DIREITOS PRIVADOS SERÃO ATACADOS.



Porém, depois de décadas de luta, a elite se viu forçada a conceder gradualmente o direito de voto a todos, independente de sua classe social. Os liberais adotaram então a palavra “democracia” como se fosse uma palavra deles, mas alterando profundamente seu sentido original.

Já não significava mais “governo do povo”, mas somente se referia a um sistema eleitoral para selecionar pessoas que ocupariam alguns cargos estatais. Nada mais.

NÃO É O GOVERNO DO POVO

De maneira nenhuma, a democracia de hoje é o governo do povo. Quando elegemos os políticos, que serão os nossos representantes, estamos **concedendo a eles o nosso direito de fazer política e de nos autogovernar**.

Entregar aos políticos esse nosso direito significa que **eles vão tomar as decisões** que acharem melhor para as coisas que nos dizem respeito. É só observar: **nas épocas de eleições nos fazem um monte de promessas, mas quando são eleitos, defendem somente seus próprios interesses e nunca mais aparecem para realizar o que nos prometeram**.

Além disso, o poder de decisão dos políticos é limitado ao espaço nacional e as questões definidas como “públicas”. Aspectos fundamentais que afetam nossas vidas como os **movimentos internacionais do capital**, por exemplo, **não podem ser administrados pelos políticos**. A tal democracia que funciona hoje **não atinge o nível global**. Ela também não chega a tudo o que as constituições dos países – inspiradas na ideologia liberal – definem como assuntos privados.



Por exemplo: se uma empresa farmacêutica registra um novo remédio que pode salvar milhões de vidas e decide cobrar por ele um preço abusivo, com um lucro exorbitante, fazendo com que os pobres não possam pagá-lo, esse é um assunto privado e que o **Estado não pode intervir**.

O governo do povo pelo próprio povo se faz de baixo para cima, nos movimentos sociais, nas lutas populares e não dando esse nosso direito de fazer política a um político profissional que, quando “chegar lá”, vai apenas defender seus próprios interesses e esquecer de nós, que fomos quem o elegeu.

UMA DITADURA DO CAPITAL

Além disso, mesmo no limitado grupo de questões nas quais nossos representantes têm poder de decisão, a **democracia está muito limitada**.

Os poderosos possuem muitas possibilidades de condicionar as decisões políticas com mecanismos legais – como as doações para campanhas eleitorais e o controle dos meios de comunicação – ou ilegais – como o suborno.

Aliás, a história mostra que **a democracia e as liberdades políticas terminam sempre que um representante ou um movimento político pretende ir contra os interesses da classe dominante**. Assim foi com a deposição de governos que propunham alguma mudança na América Latina, quando foram depostos e os militares, junto com os americanos e a classe dominante, sustentaram golpes militares que nos condenaram a anos seguidos de sangrentas ditaduras.

Por esses motivos, não podemos dizer que vivemos em uma verdadeira democracia; na realidade, vivemos em uma ditadura do capital, na qual nos permitem eleger alguns representantes e decidir sobre algumas questões sem muita importância.

A HEGEMONIA DA CLASSE DOMINANTE

No entanto, o problema não é somente a falta de democracia real. **A classe dominante não domina somente enganando e reprimindo.** Seu maior poder está na **transformação da sua própria ideologia em cultura e no “sentido comum” que respiramos todos os dias.**



Isso acontece quando as idéias, valores e aspirações da classe dominante terminam por ser as idéias, valores e aspirações dos explorados. É quando pensamos e agimos como se fôssemos da classe dominante. Isso acontece muito. A classe dominante tem a sua hegemonia quando consegue ganhar as mentes e os corações dos oprimidos, quando consegue penetrar nos nossos hábitos mais inconscientes e em nossos corpos. Apesar disso, sempre há espaço para construirmos uma resistência a este modelo hegemônico.

A IDEOLOGIA DO CAPITALISMO

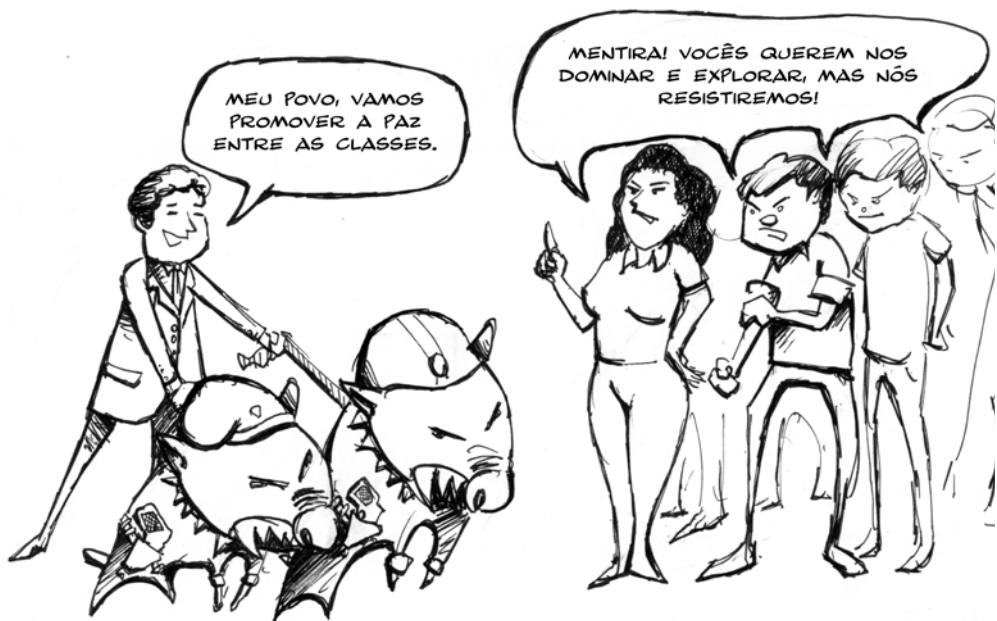
O capitalismo se apóia em uma **ideologia própria**, ou seja, em um **conjunto mais ou menos organizado de idéias**. Mas uma ideologia não é somente isso. É também uma forma de falsa consciência, uma visão que sutilmente e sem assumir, transmite **a mensagem de que a sociedade só pode se organizar da maneira da classe dominante. O liberalismo é a ideologia da burguesia.**

O liberalismo sustenta que a sociedade é formada por indivíduos e que estes possuem certos direitos naturais. Os direitos dos indivíduos têm prioridade sobre a soberania do povo: nenhuma decisão da sociedade pode ir contra eles. Por outro lado, a sociedade e o Estado devem participar o mínimo possível e deixar as coisas funcionarem, sem incomodar os indivíduos. O Estado só deve intervir quando se viola uma lei ou para oferecer alguns serviços básicos mínimos. Mas **o que faz do liberalismo uma ideologia não é o que se fala, mas o que não se fala.**

Em teoria, todos os seres humanos deveriam desfrutar de seus direitos naturais. Mas não se diz que alguns desses **direitos estão desigualmente distribuídos.**

Uma pessoa pode ter, em teoria, o direito de possuir um pedaço de terra, mas se toda a terra já é propriedade de outra pessoa, esse direito não significa nada. Se alguém está a ponto de morrer de fome porque outros se apropriaram de todos os alimentos, nenhuma lei protege seu direito à vida.

No liberalismo, o direito à liberdade significa fazer o que quiser, sem que ninguém coloque qualquer obstáculo. Porém, **não são todos que possuem as mesmas possibilidades de fazer o que quiserem.** E o que significa a liberdade de imprensa quando algumas **poucas pessoas mandam nas grandes redes de meios de comunicação?**



A CULTURA DO CAPITALISMO: INDIVIDUALISMO

A classe dominante só consegue a sua hegemonia se conseguir que a sua ideologia se transforme em cultura geral, em “sentido comum” da maioria das pessoas. O capitalismo existe, em parte, porque está em nossas mentes e corações: todos respiramos a sua cultura todos os dias.

O individualismo da ideologia liberal, traduzido na cultura cotidiana se manifesta nesse **forte egoísmo** que caracteriza muitas pessoas hoje em dia e no isolamento de homens e mulheres, cada um fechado nos seus próprios assuntos.

Grande parte da **violência** e do **medo** que caracterizam nossas sociedades vem desse egoísmo, desse **impulso de ser mais que os outros ou de estar acima dos outros**. Temos medo do outro porque supomos que ele pode fazer mal a nós para poder se beneficiar. Uma cultura assim **dificulta o desenvolvimento das relações de solidariedade e da compressão e cuidado para com os outros**.



A CULTURA DO SUCESSO, DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO

O fato de uma pessoa poder desfrutar de muitos direitos só se tiver recursos econômicos para tanto, também se reflete em uma série de outras normas de nossa cultura. Por exemplo, a cultura da produção, o culto ao “sucesso” sempre considerado pelo ponto de vista econômico e o estímulo ao consumismo.

O **medo de não ter os recursos** que nos permitam a ter o tal “sucesso”, somado à **possibilidade de utilizar outras pessoas** como instrumentos para **nosso próprio benefício**, está na origem de muitos **traços de nossa cultura**. Por exemplo, o **desprezo pelos pobres**; grande parte da **discriminação racial** e de outras **discriminações e preconceitos** que existem em nossa sociedade se devem a isso. É difícil para pessoas que foram criadas dentro de uma cultura desse tipo **dar valor a outras coisas como ao amor, à amizade, à solidariedade, ao companheirismo, à criatividade, etc.**

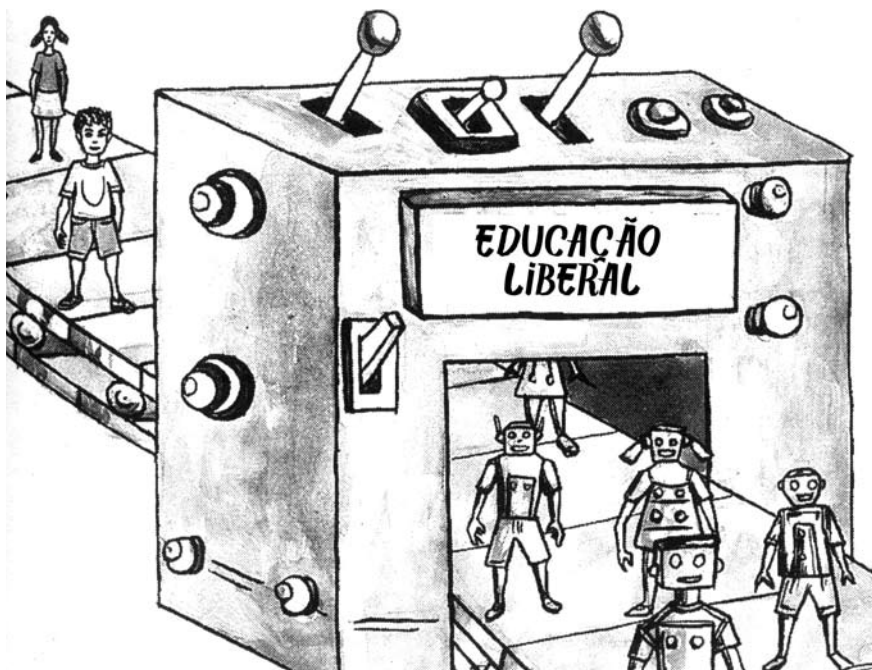


CONFORMISMO E PASSIVIDADE

A idéia liberal de que existe uma ordem “natural” que não deve ser questionada se reflete no conformismo, na passividade e na valorização da obediência que se caracteriza, por exemplo, na educação que recebemos desde crianças.

A cultura do capitalismo se difunde de uma maneira quase sempre espontânea e inconsciente, não só porque os meios de comunicação pertencem a grandes empresários, mas também porque levamos essa cultura em nossas próprias mentes. Transmitimos a cultura do capitalismo nas palavras que usamos, nas expectativas que geramos em nossos filhos, nas coisas que desejamos consumir e de muitas outras formas.

Para existir, o sistema capitalista precisa **transmitir este tipo de valores egoístas, discriminadores e conformistas** todos os dias. Isso é feito com a **educação, a literatura, as propagandas e os grandes meios de comunicação**. No entanto, isso não significa que fazem uma trama para transmitir uma mensagem única.



UM SISTEMA TOTAL?

A idéia liberal de que existe uma ordem “natural” que não deve ser questionada se reflete no conformismo, na passividade e na valorização da obediência que se caracteriza, por exemplo, na **educação que recebemos desde crianças**.

O fato de estarmos todos imersos, e até certo ponto, moldados pelo capitalismo, **não quer dizer que não haja uma saída. Nenhum sistema de dominação e de exploração pode ser total**. Isso porque toda a forma de dominação e exploração é sempre acompanhada de uma **resistência por parte do povo**.

O capitalismo precisa reforçar a todo tempo suas mensagens culturais e adaptar suas formas de organização, justamente porque, **a todo o tempo, os oprimidos resistem de várias maneiras e criam novos valores e formas de vida que escapam da dominação**.

PARTE 2
ORGANIZAÇÃO POPULAR

LUTAR CONTRA O CAPITALISMO

Como vimos, o capitalismo é um regime social de dominação e de exploração. Se nenhum regime desse tipo pode ser total, cabe a nós **construirmos uma alternativa de combate a ele; uma forma de resistência.**



MAS COMO?

Para construir a luta contra o capitalismo, teremos necessariamente que **pensar em organização. Existe nas classes exploradas uma força social** que podemos chamar de elementar ou mesmo de potencial. Para que essa força social sirva para combater o capitalismo, ela deve:

1. **Estar organizada;**
2. **Ser colocada em prática.**

De nada adiantará se essa força elementar e potencial não estiver organizada e não for colocada em prática.

Quando essa força social, que está latente nas classes exploradas, está organizada e quando ela sai do campo das possibilidades e passa para o campo prático, ela se transforma em uma força social real, que é a verdadeira possibilidade que temos de combater o capitalismo.

UMA RELAÇÃO DE FORÇAS

Como vimos, o **capitalismo** é um sistema composto de hábitos, leis e instituições políticas e econômicas e toda uma cultura. Hoje, esse sistema está **vencendo a relação de forças entre o capitalismo e o anticapitalismo**.

Nosso objetivo é **contrapor nossa força social à força do capitalismo**. No momento em que nossa força for maior que a do capitalismo, teremos a possibilidade real de **transformação social**, saindo desse sistema e construindo a nova sociedade que será pautada na solidariedade e no apoio mútuo; na liberdade e na igualdade. No entanto, antes de pensar em vencer, precisamos pensar em ser um “bom oponente”, ou seja, **precisamos pensar em aumentar nossa força social**.



Somente com muita organização conseguiremos transformar essa nossa força, elementar e potencial, em força social real. Para que isso aconteça, vamos precisar da organização popular.

Vamos conhecer um pouco sobre esse assunto...

POR QUE FALAR EM ORGANIZAÇÃO?

A organização é a coordenação de forças com um objetivo comum. Com ela, podemos estar **juntos com aqueles que defendem os mesmos interesses que nós** defendemos e, juntos, podemos **aumentar permanentemente nossa força social**.

A organização multiplica as nossas forças; juntos, não somos só a soma individual de cada um de nós; somos uma força coletiva, uma força social.

Por exemplo: vamos supor que cada um de nós vá reclamar sozinho em frente à prefeitura, porque querem nos tirar de nossas casas. Qual seria a diferença de irmos um por vez e de irmos todos juntos? **O fato de estarmos juntos, organizados, certamente nos dará muito mais força.**



Quanto mais força social os anticapitalistas tiverem, mais o capitalismo estará ameaçado.

POR QUE FALAR EM POPULAR?

Dizemos popular, pois **não estamos falando de qualquer organização**. Falamos da **organização das classes exploradas**, da **organização do povo que está sofrendo as conseqüências do capitalismo**. Nosso objetivo é **organizar e coordenar as forças de todos os dominados e explorados que são vítimas do capitalismo**. Portanto, a organização popular tem um caráter classista, ou seja, busca trabalhar com a **perspectiva de classe**.

A organização popular busca a união das classes exploradas para lutar contra a classe dominante.



Podemos e devemos receber apoio dos setores mais variados possíveis, mas nunca podemos abrir mão de **envolver na nossa organização as classes que sofrem de maneira mais dura os impactos do capitalismo**.

O caráter popular da organização se dá quando imprimimos um caráter classista a ela, de maneira que isso estimule e dê forças à luta de classes. Como vimos, a luta de classes é o combate constante entre a dominação e a vontade de se livrar dela. Nossa organização deve sempre buscar incluir as classes exploradas, estimulando-as sempre essa vontade de se libertar do capitalismo.

RELAÇÕES CENTRO-PERIFERIA

A concepção de **transformação social “pelo centro”**, ou seja, a partir dos elementos centrais de poder de uma sociedade (**os intelectuais, os ricos, o Estado, o partido ou o exército**), é uma **concepção autoritária** que, em vez de resolver os problemas da exploração e da dominação, simplesmente **troca os opressores de lugar**. Quem utiliza o centro para mudar a sociedade, acaba não mudando nada, a não ser a **tirania que se coloca sobre a sociedade**.

A transformação social deve vir “pela periferia”, ou seja, **desde baixo, desde as classes exploradas**. Essas classes são muito mais amplas do que o proletariado industrial urbano, definido por parte dos anticapitalistas como “sujeito histórico”. Hoje, a periferia do mundo pode ser considerada de maneira muito mais ampla: **culturas e sociedades indígenas, pequenos produtores, trabalhadores especializados, camponeses, desempregados, pobres, assalariados, etc.**



Construir a transformação social a partir da periferia é buscar a organização popular fora dos centros de poder como a classe dominante, o Estado, o partido e o exército. Isso significa mobilizar esses setores e construir, de baixo para cima, uma alternativa de luta social.

LUTA CONTRA A DOMINAÇÃO

A organização popular é anticapitalista e luta contra a dominação das classes exploradas. Essa dominação, como vimos, está principalmente no âmbito econômico, mas não se resume a ele.

Falar que a “**transformação social deve vir pela periferia**” significa que **a luta de classes, traduzida na organização popular, pode tomar diversas formas.** Pode ser uma organização de indígenas que lutam contra sua aculturação. Pode ser uma organização de povos nativos de um país que lutam contra a exploração de um Estado (o deles ou outro). Pode ser uma organização de camponeses que lutam por terra ou pequenos trabalhadores rurais que reivindicam ter onde plantar. Pode ser uma organização de desempregados que lutam contra o desemprego, de trabalhadores que foram marginalizados pelo sistema, ou ainda de trabalhadores assalariados. Em última instância, **todos esses setores são a periferia do sistema capitalista.**



Além disso, **a organização popular pode incorporar, em sua pauta de reivindicações e luta outras questões como: as ecológicas, de gênero, de comunicação, de cultura, de raça, de orientação sexual, etc.**

A organização popular é uma luta contra a dominação do capitalismo, mas pode incluir dentro de si a luta contra outras formas de dominação.

A VONTADE DE LUTAR

Para construir a organização popular temos que ter **vontade de lutar**. Isso porque **a organização popular não será construída “do nada”, de maneira espontânea**. Mesmo sabendo que muitas formas da luta de classes surgem espontaneamente, **não adianta ficarmos esperando que espontaneamente surja uma luta contra o capitalismo e que o substitua**.

ANTIGAMENTE, PARTE DOS ANTICAPITALISTAS ACHAVA QUE O CAPITALISMO SE DESMORONARIA POR SI MESMO. HOJE VEMOS QUE ESTA IDÉIA NÃO ERA CORRETA. SE NÃO COLOCARMOS TODA A NOSSA VONTADE NA LUTA, O CAPITALISMO SÓ CRESCERÁ!



Para transformar a sociedade e acabar com o capitalismo **será necessário muito trabalho**. A nossa **vontade de lutar**, enquanto classe de explorados que somos, nos permitirá **sustentar a organização popular como uma ferramenta permanente de luta**.

Se queremos transformar a sociedade, não há outra forma: temos que ter muita vontade de lutar. Sem essa nossa vontade, o sistema nunca mudará; ele continuará a ser cada vez mais forte. Ao contrário, se usarmos essa nossa vontade e a transformarmos em organização popular, então teremos uma chance nessa “queda de braços” contra o capitalismo.

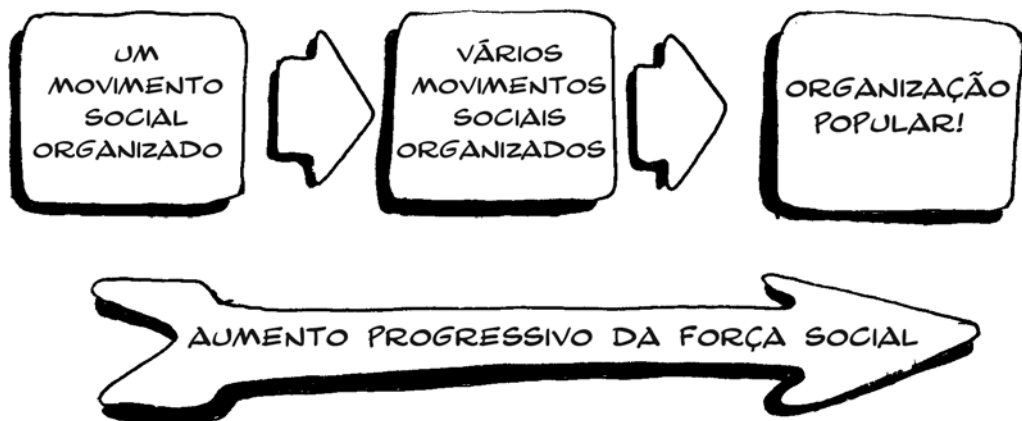
OS MOVIMENTOS SOCIAIS

A melhor maneira de construirmos a organização popular é criar e estimular o que alguns chamaram no passado de “**movimentos de massas**”. Apesar de vários anticapitalistas usarem esse termo, o fato é que muitos (**os autoritários**) acabaram achando que o **movimento de massas deveria ser aparelhado pelo partido político**.

Para os autoritários, o movimento de massas é somente um organismo que obedece às ordens ditadas pelo partido, ainda que, muitas vezes, as pessoas do partido que ditam as regras estejam afastadas das lutas sociais.

Contra essa posição de movimento aparelhado, de “massa de manobra” que não queremos ser, **preferimos usar o termo “movimentos sociais”**. Sabemos que muitos movimentos sociais ainda são mera “massa”, funcionando a serviço de interesseiros de todos os tipos, mas falaremos disso daqui a pouco.

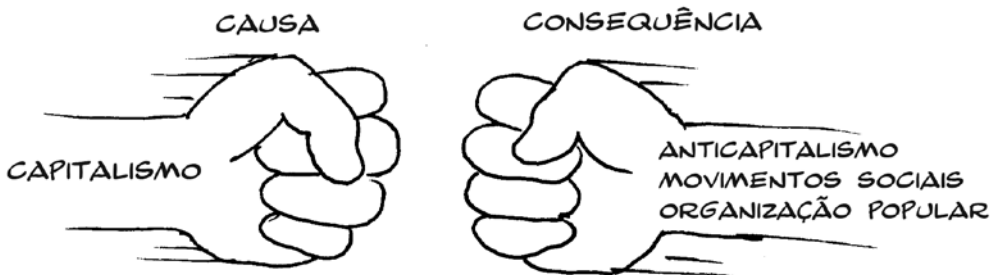
O que importa saber, neste momento, é que para construir a organização popular, é necessário construir e fortalecer os movimentos sociais. São eles que, organizados de baixo para cima, darão a força social necessária para combatermos o capitalismo.



O QUE É UM MOVIMENTO SOCIAL?

Um movimento social é um grupo de pessoas e/ou entidades associadas que possui interesses em comum para a defesa ou a promoção de certos objetivos perante a sociedade. Esses movimentos podem estar nos mais diferentes lugares e defender os mais diversos interesses. No Brasil, podemos identificar muitos movimentos sociais existentes hoje. Vejamos.

Há os movimentos dos **sem-terras** que lutam contra o latifúndio e pedem uma distribuição justa da terra; há também os movimentos dos **sem-tetos** que lutam pelo direito à moradia e contra a especulação imobiliária; há os movimentos de trabalhadores **desempregados** que lutam por emprego digno e por novas relações de trabalho. Há muito outros: **movimentos comunitários**, **movimentos para baixar o preço e melhorar a qualidade do transporte público**, **cooperativas de catadores de lixo reciclável**, **movimentos indígenas**, **movimentos estudantis**, **sindicatos**, **movimentos feministas**, **negros**, **gays**, **conselhos populares**, **movimentos artísticos e culturais**, **ambientalistas**, etc.



Mas há um problema: não são **todos** os movimentos sociais que buscam construir a **organização popular** com o objetivo de combater o capitalismo. Muitos desses movimentos **sustentam o capitalismo e seus valores**.

Em todos os campos da sociedade a luta contra a dominação aparece, sendo sua principal forma a luta de classes. Um movimento social dá o corpo para essa luta contra a dominação que, por ser muito ampla, faz com que os movimentos sociais tenham as mais diferentes bandeiras de luta. Como o capitalismo tem diversos efeitos negativos sobre as nossas vidas, muitos movimentos sociais existem como forma de resistência a esses efeitos.

FORÇA PARA CRESCER E LUTAR

Os **movimentos sociais** devem ser cada vez mais **fortes**, abrangendo cada vez **mais pessoas e mais organização**. Para possuírem essa força é fundamental que os movimentos **não sejam “ideologizados”**. Isso significa que um movimento social não deve ser anarquista, social-democrata, marxista, monarquista, etc. Ele não deve caber dentro dessas ou de qualquer outra ideologia.

Dentro do movimento social devem estar todos os que querem lutar, independente de sua ideologia.

Em um movimento de sem-teto, deve haver o maior número de pessoas que querem lutar pela moradia. Em um movimento de desempregados, devem estar todos os que querem lutar por trabalho digno. Em um movimento feminista, devem estar todos que querem lutar contra o machismo e o patriarcado.

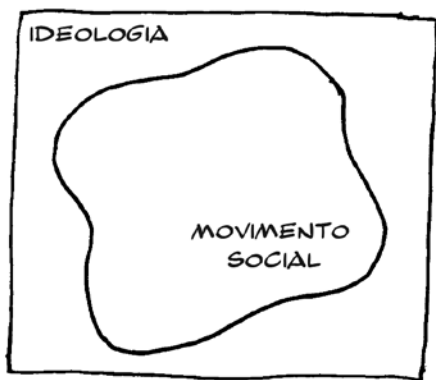
Não se faz um movimento com corte ideológico, por exemplo: movimento estudantil marxista, ou movimento sem-teto anarquista, etc. **O movimento social sempre se organiza em torno da questão pela qual decidiu lutar.**

MOVIMENTO SOCIAL FORTE



QUANDO AS IDEOLOGIAS ESTÃO DENTRO DO MOVIMENTO SOCIAL

MOVIMENTO SOCIAL FRACO



QUANDO O MOVIMENTO SOCIAL ESTÁ DENTRO DE UMA IDEOLOGIA

No entanto, isso não significa que entre todas as pessoas que estão dentro do movimento social, não existam pessoas das mais **diferentes ideologias. Isso é normal e vai acontecer sempre.** Também não podemos proibir pessoas que defendam alguma ideologia de estarem no movimento social e nem proibir que façam propaganda. O que **não pode acontecer** de forma alguma é uma dessas ideologias **dominar o movimento social.** O movimento social está dominado (alguns dizem “**aparelhado**”) quando não luta mais pelas suas questões, mas somente usa essas questões para **promover uma ideologia, um candidato, um partido, uma ONG, etc.** Neste caso, **o movimento está sendo usado, está aparelhado.**

AUTONOMIA: O MOVIMENTO SOCIAL NÃO DEVE SER “APARELHADO”

O tema anterior traz uma reflexão sobre a **autonomia do movimento social.** É fundamental que os **movimentos sociais sejam autônomos.** O que significa isso?

Isso significa que os movimentos sociais **devem ser autônomos em relação ao Estado, aos partidos políticos, aos sindicatos burocratizados, aos burocratas de plantão, à Igreja,** enfim, significa que os movimentos devem ter a possibilidade de **tomar as decisões e agir por conta própria.** A **autonomia** do movimento social **é a possibilidade de ele tratar dos seus próprios assuntos,** independente de instituições e mecanismos da exploração e da dominação social.



NÃO QUEREMOS
SER DOMINADOS!
QUEREMOS TOMAR NOSSAS
PRÓPRIAS **DECISÕES!**

Os movimentos sociais não devem ser correias de transmissão de indivíduos, coletivos, grupos, organizações, partidos que querem mandar neles. Pessoas que querem aparelhar o movimento social não querem ajudá-lo, elas querem que o movimento social lhes ajude.

NEM TODOS QUEREM APARELHAR

O movimento social tem que **saber distinguir** quem se aproxima **com o objetivo de aparelhar** e quem se aproxima **com o objetivo de ajudar**. Há uma grande diferença nisso e o movimento social deve ficar muito atento, pois **pessoas para ajudar devem ser sempre bem-vindas**. Elas poderão contribuir com o crescimento da luta, do movimento social e da própria organização popular.

No entanto, como diferenciar uma pessoa que quer aparelhar de outra que quer ajudar o movimento social? É relativamente simples, vejamos logo a seguir.

ESTADO, PARTIDOS, BUROCRATAS, ETC.

Quem quer **aparelhar** não visa a apoiar o movimento social, mas sim **ser um chefe**, mandar no movimento, fazer o movimento servir a seus próprios fins.

Um movimento social **não deve estar ligado a um político** do governo ou mesmo a um setor qualquer do Estado. Secretários, deputados, vereadores, na grande maioria das vezes, se aproximam, pois **querem apoio dos movimentos**. Apoio para **sustentar suas políticas**, apoio para ter **mais votos**, apoio para ter o que eles chamam de “**base social**”. O objetivo do Estado, do governo, é sempre fazer o que chamamos de “**pacto social**”; eles querem **acalmar o movimento social**, fazer com que ele se enquadre no sistema deles – da democracia representativa.

Os **partidos políticos** também buscam **aparelhar** os movimentos sociais. Primeiramente há aqueles que estão **dentro do sistema da democracia representativa** (os que concorrem às eleições) e que buscam no movimento social somente uma **fonte de votos**. É muito comum se aproximarem próximo das eleições, fazerem um monte de promessas e depois sumirem. Depois há os **partidos “revolucionários” autoritários** que buscam no movimento social a base para suas teorias de revolução. Eles acreditam ser a **vanguarda iluminada**, que deve **dirigir e mandar** no movimento social, por se julgarem **superiores**.

Temos ainda outros organismos que tentam aparelhar os movimentos sociais: **sindicatos burocratizados** que querem apoio para suas ações, **Igrejas** que buscam fiéis, etc.



Todo esse tipo de gente deve ser afastado do movimento social, pois eles não estão defendendo os interesses do movimento social, mas seus próprios interesses. O movimento social não precisa de chefes, de dirigentes ou de gente que queira usá-lo. O movimento social precisa de gente que queira apoiá-lo e lutar junto com ele, mas não lutar por ele.

APOIAR O MOVIMENTO SOCIAL

Diferente dessas pessoas que querem aparelhar, há aqueles que querem **apoiar** o movimento social, o que é muito diferente.

Essas pessoas sentem **simpatia** pelo movimento social e consideram **justa** a sua luta e por isso **se aproximam para dar apoio**. Essas pessoas devem sempre ser **bem recebidas**, pois gente que **quer lutar com o movimento social** tem que ser sempre bem-vinda. Mesmo pessoas que são oriundas das **classes médias** ou que **não estão diretamente implicadas nas lutas** do movimento devem receber esse tratamento: alguém que tem emprego pode apoiar a luta dos desempregados, alguém que tem uma casa pode apoiar a luta dos sem-teto, etc. **Essa forma de solidariedade é fundamental** e deve ser bem recebida pelo movimento social.

Essas pessoas não querem mandar no movimento social, não querem ser chefes e nem dirigentes. Elas querem apoiar, lutar ombro a ombro, discutir as questões do movimento, oferecer sua solidariedade, ajudar nos momentos de crise, ajudar na organização, etc. Essa força deve ser sempre somada.



COMBATIVIDADE x PACTO SOCIAL

Para que um **movimento social** possa apontar para a **organização popular**, ele deve ser **combativo**.

Isso significa dizer que, em suas lutas contra a dominação, eles **não podem obedecer sempre as regras do sistema capitalista**. Vamos lembrar que o capitalismo, por meio do Estado, tem a obrigação de “**garantir a legitimidade**” do sistema. Por isso, uma das **estratégias** que o Estado usa é trazer os movimentos sociais **para dentro de si**. Eles dizem que já que vivemos em uma **democracia**, os movimentos podem apoiar um vereador ou um deputado e se fazer ouvir dessa forma. Eles querem estabelecer o que chamamos de “**pacto social**”.



O movimento social deve **sempre incorporar a luta de classes** e a luta de classes não se dá **dentro do Estado, mas sim fora dele**. Como o Estado é um braço do capitalismo, quando o Estado **incorpora** o movimento social (chamamos isso de **cooptação**), o movimento não serve mais o anticapitalismo, mas sim ao capitalismo. Esse recurso é muito comum, principalmente quando **governos “de esquerda” chegam ao poder**.

O movimento social deve manter-se sempre combativo, ou seja, ele deve sustentar sua bandeira de luta (pelo trabalho, pela moradia, pela terra, etc.) fora do Estado, assim como se sustenta qualquer outra forma de luta de classes. Manter-se combativo também significa não entrar em outros esquemas burocráticos, discutir tudo com políticos, com a burocracia sindical, etc. Um movimento combativo é aquele que conquista as coisas e não fica pedindo “pelo amor de Deus”. Exige e conquista com organização e luta.

Devemos saber quando realizar uma **ação pacífica** ou com mais **violência**, mas devemos ser **sempre combativos**. Confrontar de frente as injustiças e o sistema de dominação e exploração, sem cair nas armadilhas do capitalismo.

AÇÃO DIRETA x DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Devemos sustentar que os movimentos sociais **trabalhem com a ação direta**. A ação direta é uma **forma de ação política** que se estabelece **fora** do sistema eleitoral. Isso significa dizer que os movimentos sociais **não devem confiar** sua ação a políticos “gabaritados” que vão ser eleitos para depois defender os interesses do movimento social. Os políticos se aproximam sempre para conseguir votos e depois de eleitos, entram na “máquina eleitoral” e muito dificilmente realizam o que nos prometeram.

A **ação direta**, ao contrário, se expressa quando o movimento social realiza sua política **por si mesmo**, quando os trabalhadores e as trabalhadoras realizam, **eles mesmos**, suas ações de **luta contra a dominação e a exploração**. Isso sempre **sem confiar** no sistema burocrático e corrupto de assessores, vereadores, deputados, senadores, prefeitos, etc.

Um movimento social que trabalha com a ação direta age fora do sistema eleitoral e representa os interesses dos explorados que o compõem.



Um movimento social que trabalha com a ação direta pode fazer uma ocupação, uma manifestação de rua, uma greve, um bloqueio de rua, etc. **Existem muitas formas de ação direta:** todas elas colocam as classes exploradas à frente do processo de mudança e das reivindicações.

A responsabilidade pelas vitórias do movimento deve ser do próprio movimento. Ela não deve ser dada aos políticos. Os políticos defendem os seus próprios interesses e não os interesses dos movimentos sociais. Vamos lembrar que “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”.

A AÇÃO DIRETA É SEMPRE VIOLENTA?

Não. **A ação direta pode ser pacífica ou violenta;** devemos sempre refletir qual é a **melhor forma de agir.** Muitas vezes, fazer uma manifestação de rua pacífica sobre uma questão que queremos expor, ou seja, uma ação direta **não-violenta,** é o melhor meio para atingirmos os fins desejados, por exemplo, **sensibilizar** a população para uma determinada questão. Outras vezes, temos de usar a violência **como resposta** à violência do capitalismo.

Como vimos, o capitalismo é um sistema **fundado na violência**, e às vezes, para nos defender, temos também que usar **certo grau de violência**. Por exemplo: quando estamos ocupando um lugar e a polícia vem nos retirar à força, a nossa utilização de força **como resposta**, uma ação direta de resistência, é **legítima e sempre válida**.



DEVEMOS SEMPRE PENSAR QUAL É A MELHOR ALTERNATIVA: VIOLÊNCIA OU NÃO-VIOLÊNCIA? PARA ISSO DEVEMOS TER NA CABEÇA QUE O CAPITALISMO É A VIOLÊNCIA, E QUE POR ISSO QUALQUER VIOLÊNCIA POR PARTE DO MOVIMENTO SOCIAL DEVE SER CONSIDERADA UMA RESPOSTA.

A AÇÃO DIRETA MUITAS VEZES NÃO É ILEGAL?

Como o Estado **faz parte** da sociedade capitalista, suas leis são feitas para que o capitalismo continue a funcionar da forma como vem funcionando. Então, praticamente tudo o que **ameaça** o capitalismo é considerado **fora da lei**.

Por isso, muitos movimentos que têm por objetivo **combater** o capitalismo fazem ações que **são consideradas ilegais**. Uma ação de ocupação de um imóvel sem função social é uma ação combativa de um movimento de sem-teto e considerada fora da lei pelos capitalistas. As vezes, ao se fechar uma rua em uma manifestação exigindo emprego, a polícia ataca e até prende aqueles que estão mobilizados.

Agora nos perguntamos: por que ter um imóvel e não usá-lo para nada é permitido e quando pessoas que não têm onde morar o ocupam, isso não é per

mitido? Por que é permitido ter altos índices de desemprego, mas quando os desempregados se mobilizam e fecham uma rua, isso não é permitido?

Nem sempre o que é mais ético e justo é considerado dentro da lei. Nossos movimentos devem buscar ideais de ética e justiça, independente se eles estejam dentro da lei. Vamos lembrar que quem faz a lei são os capitalistas e, a não ser por conquistas que conseguimos impor, elas funcionarão a serviço do capitalismo. Por esse motivo, freqüentemente, lutar por ética e justiça envolve fazer algo que é fora da lei.

A POLÍTICA NÃO É PARA OS POLÍTICOS

No **sistema** em que vivemos hoje, **elegemos** nossos representantes que tomam as decisões que quiserem depois de eleitos. Quando elegemos um político, **entregamos** nosso **direito de fazer política** a ele e só **“participamos”** de dois em dois anos, quando vamos às urnas. Isso não significa fazer política. **Política** não é aquilo que fazem os políticos, mas sim a **gestão daquilo que é público**, de todos, ou seja, a gestão da **nossa** vida de todos os dias.



A política deve ser feita pelo povo, devidamente organizado, decidindo efetivamente sobre tudo o que lhe diz respeito. A política que os movimentos sociais defendem é aquela que se coloca hoje como luta dos trabalhadores, organizada de baixo para cima, contra a exploração e a dominação de que somos vítimas. É nas mobilizações populares que estão as perspectivas de transformações sociais significativas na nossa sociedade. A política nos movimentos sociais se faz por meio da democracia direta.

DEMOCRACIA DIRETA: QUANDO TODOS DECIDEM DE VERDADE

A **democracia direta** é um **método de se organizar** em que todos os envolvidos participam **diretamente** no processo de decisões, ou seja, uma forma de organização em que **todos decidem**.



Na **democracia direta**, são as próprias pessoas que, **reunidas em assembléia**, tomam suas próprias decisões. Não há chefes que mandam no movimento, todos os membros do movimento social discutem e tomam suas próprias decisões. Em resumo, **todos são líderes**, ao mesmo tempo. A política é feita todos os dias, **na luta e na organização**.

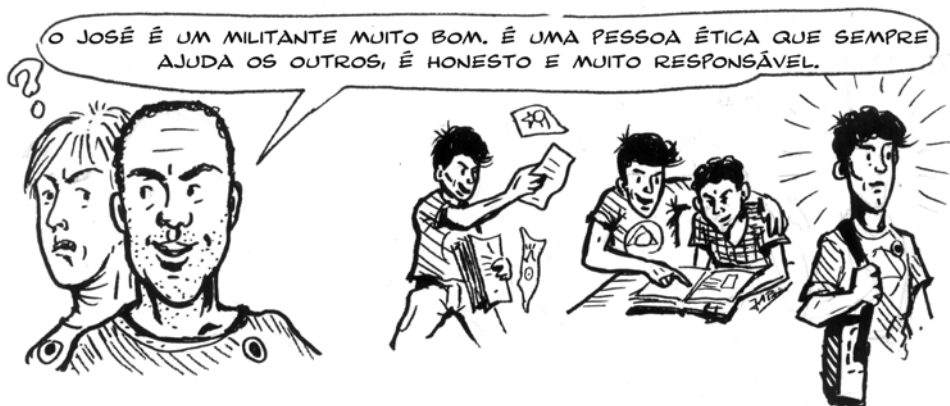
Um movimento social que utiliza a democracia direta possui assembléias permanentemente, não tem chefes e não baseia sua atuação na eleição de políticos. Suas assembléias são horizontais (participação igualitária), têm a participação de todos do movimento e são o local em que se tomam todas as decisões. O consenso sempre é buscado, mas em caso de diferenças de ponto de vista, a votação pode ser aceita, vencendo a maioria.

Em um movimento social que trabalha com a democracia direta são os próprios membros que decidem suas reivindicações, suas formas de ação, como tratarão com as pessoas de apoio que querem ajudar, etc. Dentro do movimento, se decide tudo **de maneira igualitária: todos têm o mesmo poder de decisão**. Pode haver vários critérios de decisão, mas eles sempre devem ser estabelecidos **coletivamente**.

ÉTICA: UM PRINCÍPIO, UMA FORMA DE CONDUTA

Os militantes do movimento social devem ter uma **conduta ética**. Mas o que é isso?

Ter uma conduta ética significa que **nossa conduta deve ser embasada em princípios de vida que se oponham ao capitalismo e que tenham por base a cooperação, a solidariedade e o apoio mútuo**. Ser uma pessoa ética significa **não mentir e nem enganar** os companheiros de luta, **apoiar os outros militantes, não ter posturas prejudiciais para a luta**. Ser ético é também **ter responsabilidade**.



A IMPORTÂNCIA DA RESPONSABILIDADE

A **ética e a responsabilidade** são valores básicos que se **opõem radicalmente aos valores do capitalismo**.

Um **militante responsável** tem iniciativa, assume responsabilidades perante o movimento social e **as cumpre, dá satisfação** das tarefas pelas quais ficou responsável, tem **atitudes que são condizentes com o espírito de luta**, enfim, **contribui com o movimento social** da melhor forma possível.

Além disso, **o militante responsável não tem atitudes irresponsáveis**: ele não tem atitudes individuais que comprometam o coletivo, ele não faz coisas que prejudiquem a luta, ele não deixa de realizar atividades importantes para o movimento, ele não falta às assembleias, etc.

É fundamental que dentro do movimento social sustentemos valores opostos aos valores do capitalismo. A ética e a responsabilidade, além de serem pilares do movimento social, devem se opor a toda a cultura do capitalismo que fez uma sociedade de pessoas antiéticas e irresponsáveis. A luta pela ética e pela responsabilidade é uma luta contra os valores e a cultura do capitalismo.

SOLIDARIEDADE E APOIO MÚTUO

Em **oposição aos valores individualistas** do capitalismo, **o movimento social sustenta a solidariedade e o apoio mútuo**. Ao invés de competir uns com os outros e de não gostar uns dos outros, a solidariedade e o apoio mútuo nos estimulam a nos **associar com outros membros das classes exploradas**, tanto na resistência quanto no próprio combate ao capitalismo.

Quando **saímos do isolamento** e nos aliamos a **outras pessoas que querem construir um mundo mais justo e igualitário**, estamos construindo a **solidariedade de classe**.

FOI AQUI NO MOVIMENTO SOCIAL QUE PASSEI A CONSIDERAR OS OUTROS COMO COMPANHEIROS. ANTES, ACHO QUE ESTAVA INFLUENCIADO PELO CAPITALISMO... ACHAVA QUE TODO MUNDO ERA INIMIGO!



Essa solidariedade é construída, primeiramente, quando **uma pessoa se associa com outra para construir um movimento social**. Depois quando um **movimento social se associa com outro para uma luta mais ampla**. Os setores de explorados são muito diferentes e a solidariedade significa **nos unir com outros setores, buscando um apoiar o outro, por uma prática que podemos chamar “apoio mútuo”**.

A LUTA É INTERNACIONALISTA

Quando dizemos que o Estado faz parte do capitalismo, estamos dizendo também que **o sentimento nacionalista deve ser rechaçado**. **O nacionalismo é a preferência ou a defesa acentuada de tudo o que é próprio do país a que alguém pertence**.

Durante a história, os **defensores do sistema capitalista** sempre quiseram criar um sentimento em nós de **unidade em torno do nosso país**. Para isso, eles se utilizam de coisas de que gostamos, como por exemplo, a Copa do Mundo, para ir criando o que podemos chamar de “identidade nacional”.

Não devemos nos identificar com os outros pelo país a que pertencem, mas sim pela classe a que pertencem.



Não há nada de errado em gostarmos de esportes ou até torcer pelos times do nosso país, mas o problema é quando esquecemos que **nossa identidade deve ser de classe** e passamos a entender que ela deve ser nacional. Quando o **nacionalismo vence o classismo**, temos regimes como o fascismo em que mesmo as classes exploradas apoiaram **regimes de dominação e exploração**, em nome de um ideal nacional.

Nossa aliança deve sempre ser feita com as classes exploradas, estejam elas dentro do Brasil ou fora. Quando o capitalismo do Brasil explora o povo brasileiro, temos que estar ao lado do povo brasileiro. Quando o capitalismo do Brasil explora o povo de outro país, temos que estar ao lado do povo do outro país. Se tivermos que escolher com quem nos aliar ou que posições defender, temos sempre que estar aliados em torno da classe e nunca do país no qual vivemos. A identidade nacional faz parte do capitalismo e como nossa luta é anticapitalista, dizemos que somos internacionalistas.

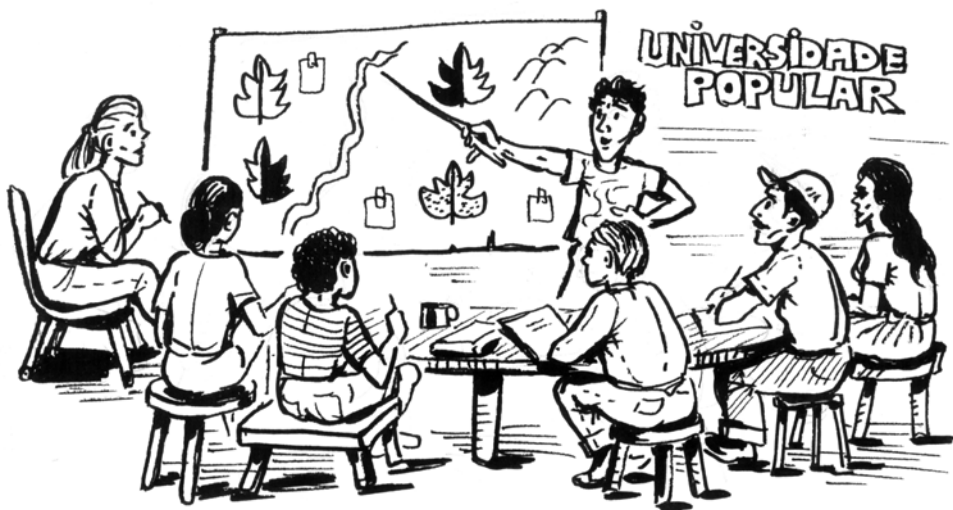
Uma luta internacionalista acontece quando não reconhecemos as barreiras do Estado e somos **solidários a todas as lutas de outros membros da classe explorada no mundo**. Não devemos ter nenhum problema com estrangeiros. Se os estrangeiros são das classes exploradas, são nossos companheiros. **Se são da classe dominante, são nossos inimigos.**

UMA MUDANÇA QUE TAMBÉM É CULTURAL

O **movimento social** deve ser o **terreno privilegiado para desenvolvimento de uma cultura popular**. Como vimos, o capitalismo está inserido em todos os espaços da nossa sociedade e sua cultura é difundida de várias maneiras: pelos meios de comunicação, pelas escolas que freqüentamos, etc.

Em oposição a isso, o movimento social deve **produzir e desenvolver uma cultura popular** que sustente **novas formas, linguagens e manifestações que traduzam valores de oposição ao capitalismo**. Essa cultura pode ser estimulada com músicas, teatros, palestras, debates, encontros, confraternizações, etc. Ela será **imprescindível para uma mudança** que também deve se dar **dentro de cada um de nós**, por meio da **educação popular**.

Não devemos aguardar que a educação popular eduque a todos para começar a lutar. No entanto, seria impossível negar o papel absolutamente fundamental que a educação exerce em todos os militantes do movimento social. Ela é imprescindível.



CRIAR OU ENTRAR EM UM MOVIMENTO SOCIAL?

Às vezes, as pessoas ficam na dúvida quando querem se mobilizar, se a melhor alternativa é **criar um movimento social** ou **integrar um movimento social que já existe**. Qual será a melhor alternativa? Na realidade, **qualquer uma das alternativas pode ser interessante**.

Quando não houver **nenhum movimento social próximo** de uma pessoa que queira lutar por determinada causa, ela pode **buscar outras pessoas** que tenham interesse nessa luta e **formar um novo movimento social**. A partir daí, é só **fazer com que o movimento social tenha as características que colocamos aqui**.

No entanto, se **já existe um movimento social** que luta por algo que essa pessoa deseja lutar, **não há porque criar um outro movimento**. O que pode acontecer é esse movimento estar aparelhado, ser muito burocratizado, ser pouco

combativo, etc. Neste caso, o mais correto é **integrar o movimento social** e buscar **agrupar pessoas** dentro dele que concordem com o ponto de vista da organização popular ou com o que **defendemos aqui**. A partir de então, sua meta será fazer com que este **setor ganhe força** e que possa **influenciar o resto do movimento**.

O mais importante é estar mobilizado. Criar um movimento ou integrar um movimento que já existe, fazendo com que ele tenha as características que julgamos corretas são, ambas, alternativas possíveis e importantes. Cabe a cada um escolher. O fundamental é saber que para reivindicar algo, o caminho é a luta, a mobilização social.



ESTABELEECER OS OBJETIVOS DA LUTA

O movimento social deve ter sempre, de maneira clara, os seus **objetivos de luta**. Quando falamos nisso, temos basicamente três tipos de objetivos: os de curto, de médio e de longo prazo. Trataremos aqui dos **objetivos de curto e médio prazo**. Eles buscam responder **aonde o movimento quer chegar no curto e no médio prazo**.

Um movimento que não tem objetivos anda em círculos e não tem foco. Por isso, poucas vezes conquista algo.

Os objetivos de luta vão variar de acordo com a luta do movimento social. Por exemplo: um movimento contra o aumento das passagens de ônibus pode ter como principal objetivo impedir que o aumento aconteça. Neste caso há **somente um objetivo**.

Pode acontecer de haver **mais de um objetivo**. Quando, por exemplo, um sindicato entra em greve e constrói uma “pauta de reivindicações”. As reivindicações, neste caso, são os objetivos da luta. Eles podem ser: conseguir um aumento de 10% para toda a categoria, resolver o problema das perdas salariais dos últimos 3 anos, remunerar as horas extras, etc. Para um movimento de ocupações, eles podem ser, por exemplo: realizar uma ocupação urbana e conseguir moradia. Para um movimento de desempregados, podem ser: pressionar o governo e conseguir um programa de auxílio, que dê um pagamento aos desempregados. Assim por diante.



QUEM TRABALHA SEM OBJETIVOS BEM DEFINIDOS, POR QUERER FAZER TUDO, AO FINAL, CORRE O RISCO DE NÃO CONSEGUIR FAZER NADA.

O fundamental quando o movimento social vai estabelecer uma luta qualquer, é estabelecer bem os objetivos de curto e de médio prazo. O curto prazo é aquilo que o movimento vai buscar imediatamente e o médio prazo pode variar de seis meses até alguns poucos anos a frente. Para traçar os objetivos basta responder a pergunta: o que queremos com nosso movimento em um determinado período de tempo (uma etapa)?

CRIAR UM PLANO ESTRATÉGICO

O plano estratégico do movimento é o caminho que vai ter que ser realizado do “hoje” até o nosso objetivo estabelecido para a etapa mais próxima. Ou seja, é responder: **como vamos chegar aos objetivos de luta de curto prazo?**

O plano estratégico deve ser feito estabelecendo etapas, com um objetivo (ou mais) de luta por etapa, e com as ações que vão ser feitas para atingir cada objetivo. No final de cada etapa, o movimento deve sempre parar, fazer uma auto-avaliação e ver se caminhou bem ou não. Se estiver tudo bem, o movimento continua o plano. Se estiver algo errado, faz as modificações necessárias para que o caminho seja acertado.

O importante é estabelecer as linhas gerais da “coisa” e partir para a ação, pois também não adianta ficar perdendo tempo planejando nos mínimos detalhes e depois não ter condições de realizar tudo na prática.



UM EXEMPLO PRÁTICO

Um movimento de sem-tetos se organiza com o objetivo de lutar por moradia. As pessoas não têm onde morar e acham que ocupar imóveis sem função social é uma boa saída.

O objetivo de luta (curto prazo)

- Ocupar um imóvel sem função social, dando moradia para os militantes do movimento.

Plano estratégico

- Criar quatro comissões: uma para conversar com as famílias que farão parte da ocupação e montar um programa de integração dessas famílias (1), outra para a escolha e avaliação dos possíveis imóveis a serem ocupados (2), outra para discutir como e quando será a ação de ocupação (3) e uma outra que tratará de criar toda a estrutura de funcionamento da futura ocupação (4).

Para isso, será necessário que se reflita sobre quantas e quais pessoas poderão ajudar em quais tarefas, quais dessas atividades serão sigilosas e quais serão tratadas em assembleias abertas, qual será o número máximo de famílias que poderá ocupar o imóvel, qual será o prazo para agregar novos interessados na ocupação, enfim, uma série de questões de organização que, se não forem bem pensadas e executadas, certamente comprometerão esse nosso objetivo de curto prazo que é a obtenção de moradia para todas as famílias do movimento.

Poderíamos detalhar o plano estratégico da seguinte forma:

1. A primeira comissão montará um plano em que constará com que famílias a comissão irá conversar, por que, quais serão os critérios para que a família possa integrar a ocupação. Pensará também em organizar assembleias para que as famílias se conheçam e possam estabelecer laços de solidariedade entre elas, o que será muito importante no futuro.
2. A segunda comissão sairá pela cidade verificando imóveis possivelmente passíveis de serem ocupados. Será fundamental que pensem, estrategicamente, se a melhor alternativa é ocupar um

prédio do governo ou um prédio privado, verificar as condições e instalações do prédio, ver como ele está fechado, como as pessoas poderão entrar, etc. No final, apresentará uma ou mais alternativas para que se decida qual é a melhor.

3. A terceira comissão, com os dados da segunda e conhecendo o movimento, pensará como será a ocupação. Discutirá a melhor hora para se ocupar, ou seja, se é melhor que seja de dia ou à noite, qual será o trajeto que os ocupantes farão, como entrarão no prédio, como enxergar se não houver luz, etc. Discutirá se a ocupação será em um dia de semana ou em um final de semana, etc.
4. A quarta comissão organizará, dentre os ocupantes, uma estrutura que possa fazer funcionar a ocupação, tanto nos primeiros e mais complicados momentos, como depois que passar a ameaça imediata de desocupação (se isso acontecer). Essa comissão criará uma estrutura de pessoas que poderá resolver os problemas elétricos e hidráulicos do local, outra que ficará responsável por uma cozinha coletiva (se este for o caso), a criação de uma comissão de segurança, a divisão dos cômodos entre as famílias e assim por diante.

É importantíssimo que se tracem o(s) objetivo(s), o plano estratégico e que periodicamente se avalie se o movimento social está no caminho certo. Nada melhor do que a prática para ver se toda a nossa teoria funciona!

O plano estratégico pode ser mais amplo e contar com os objetivos de médio prazo; as ações de médio prazo que serão feitas para alcançar estes objetivos e assim por diante. A principal idéia que precisamos ter em mente é: **planejar é absolutamente fundamental.**

ASSEMBLÉIAS E REUNIÕES

Todos os movimentos sociais que têm por método organizacional a **democracia direta** devem, obrigatoriamente, ter **assembléias ou reuniões** que são as **instâncias deliberativas** do movimento, ou seja, são o **espaço coletivo de tomada de decisões.**

Um movimento social não hierarquizado não tem uma cúpula que define as coisas e uma base que obedece, por isso, todas as questões do movimento devem ser discutidas e resolvidas no âmbito das assembléias ou reuniões, que são horizontais (não hierárquicas), ou seja, a opinião de todos é igual.

DEVEMOS SEMPRE LEMBRAR QUE AS ASSEMBLÉIAS E REUNIÕES SÃO MEIOS E NÃO FINS EM SI MESMOS.



No entanto, para que o movimento social **não perca seu foco** e **não passe a fazer das reuniões e assembléias o seu fim**, algumas questões devem ser observadas.

EFICÁCIA NA TOMADA DE DECISÕES

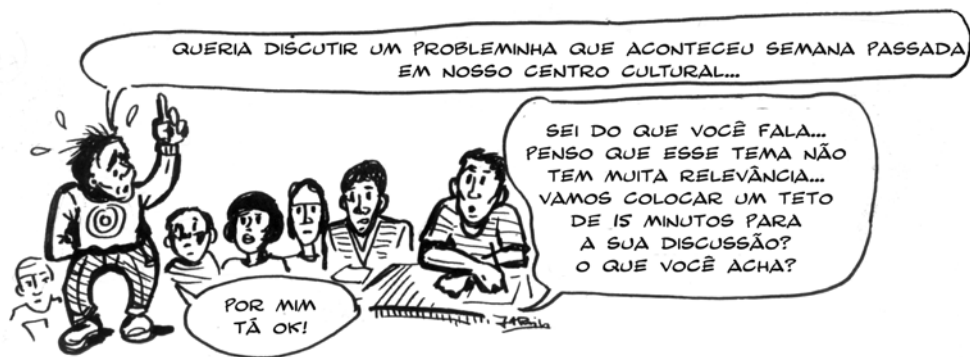
As **instâncias de discussão e decisão** do movimento social devem ser **um meio** e não um fim em si mesmas. Pode parecer besteira falar isso, mas o fato é que tem gente que acha que a função de um movimento social é fazer reuniões e assembléias horizontais.

Não! **As reuniões e assembléias são somente um meio para que o movimento discuta e tome suas decisões** e por isso, as reuniões **precisam ser eficazes**. Isso significa que elas têm que possibilitar a **participação de todos**, o **bom entendimento das questões discutidas**, os **diferentes posicionamentos** sobre as questões e, principalmente, a **tomada de decisões**. Não mais do que isso.

Deve haver uma preocupação para que as coisas **realmente sejam resolvidas** e que o movimento social **não fique só no debate**. Para isso, é importante que a **pauta esteja bem definida**, que as **opiniões sejam dadas no menor tempo**

possível, que as pessoas **não fiquem repetindo idéias** que já foram colocadas e que o movimento **delibere as questões de fato**. Como dito, o **consenso deve ser buscado**, mas **se não houver consenso, deve haver uma votação e todos seguem a posição que vencer**.

É importante também que se pense em um **método adequado** para cada tipo de decisão. As decisões **não muito importantes** devem ser tomadas **sem perda de tempo**. As **decisões importantes** devem **despender mais tempo dos militantes**. Além disso, pode haver **critérios diferentes para cada decisão**: as **mais simples podem ser votadas** vencendo a maioria, as de **média importância** podem ser votadas vencendo **com mais de 2/3 dos votos**. Aquelas decisões **muitíssimo importantes** podem seguir o **método do consenso**. É fundamental estabelecer um teto, ou seja, um **tempo máximo** para cada discussão e para as próprias reuniões e assembléias.



A PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA

Como o movimento social defende a **democracia direta**, as tomadas de decisão devem ser as **mais democráticas possíveis**, ou seja, devem proporcionar um ambiente em que as **opiniões e sugestões de todos sejam ouvidas**, que todos tenham um **nível semelhante de informações** para poder opinar e que as decisões **não sejam tomadas por coação ou por medo**. Por exemplo: um movimento não pode tomar as suas decisões porque um membro ameaça os outros ou porque faz chantagem com eles.

Também **não é correto** que indivíduos ou setores do movimento social **sejam silenciados ou impossibilitados de dar a sua opinião ou de participar das tomadas de decisão**.



Todos devem participar, tanto das **discussões**, como das **tomadas de decisão**. Para isso, é fundamental que todos saibam com antecedência das **datas e horários** das reuniões e da **pauta** que será discutida. Eventualmente a pauta pode ser resolvida no início da reunião ou assembléia, mas o ideal é que isso seja definido antes, possibilitando a todos um momento anterior de reflexão sobre as questões.

PRIORIDADES, MODERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Para que as tomadas de decisão possam fluir bem, **devem ser estabelecidas prioridades**, ou seja, **saber o que é mais importante** na hora de se decidir. Como dissemos, o movimento social **deve gastar mais tempo com o que for mais importante e menos tempo com o que for menos importante**. Muitas vezes é melhor **colocar os temas mais importantes no começo**, quando está presente a maioria das pessoas.

É sempre importante ter alguém para **moderar a reunião**. O moderador **não tem nenhuma hierarquia** sobre os outros, mas **ajuda a encaminhar** os temas, as discussões, anima a reunião, facilita a tomada de decisões e garante que **os objetivos da reunião sejam atingidos**.

Sempre que se resolver algo, é importante que exista uma **ata**, registrando o que **foi resolvido, distribuindo as responsabilidades das tarefas que ficaram pendentes e estabelecendo datas para a entrega das pendências**. Quando alguém **se responsabiliza** por alguma coisa, esta pessoa tem **obriga-**

ção perante o movimento de **realizá-la**. Os **encaminhamentos** das reuniões e assembléias (resoluções, atividades a serem realizadas) **devem sempre ser acompanhados e cobrados** pelo movimento social, obviamente, **de maneira não-autoritária e observando os critérios da ética do movimento social**.



AS RELAÇÕES PESSOAIS

As **relações pessoais** devem sempre **primar por um ambiente de cooperação e de apoio mútuo** em que os membros do movimento social **se vêem como companheiros de luta** e se tratam como tal.

O clima de trabalho deve ser **agradável**, deve haver **respeito mútuo**, os conflitos devem ser resolvidos **de maneira não violenta** e deve haver **confiança entre os militantes**.

Isso fará com que **a luta se fortaleça** e que o lado pessoal **não se sobreponha** ao lado político.

Não precisamos gostar de todos do movimento social pessoalmente, ou seja, não somos obrigados a ser amigos de todos, mas temos obrigação de nos respeitar como companheiros de luta que somos.



COMUNICAÇÃO E IMPRENSA

Um movimento social deve contar com um **setor ou comissão** que se encarregará da parte de comunicação e imprensa. Este setor será responsável por fazer com que **as demandas do movimento possam ser divulgadas para a sociedade**.

Sabemos que **grande parte da imprensa está comprometida com o capitalismo**, mas **existe gente boa nesse meio e que pode nos ajudar**. Os companheiros de comunicação e imprensa devem buscar **estabelecer um relacionamento** com jornalistas, radialistas, editores, etc. que são **simpáticos à causa do movimento** e mantê-los **informados sempre das denúncias que o movimento faz, das ações realizadas, das conquistas, das repressões que sofre, etc.**

Além disso, o movimento social **deve comunicar-se** com a sociedade e buscar apoio diretamente pelos veículos de **mídia independente** como rádios livres/comunitárias, com a publicação de cartazes e panfletos, com sites de publicação aberta e toda essa infra-estrutura de comunicação que está distante da grande imprensa.

O movimento social precisa sempre do maior apoio possível da sociedade e por isso deve divulgar o maior número de informações possíveis. Para isso, pode utilizar dois meios. Um, mantendo bons contatos com pessoas específicas que estão dentro dos grandes veículos de imprensa. Outro, utilizando os veículos de mídia independente. De qualquer forma, o objetivo é comunicar a causa do movimento, fazer conhecer suas questões e buscar o maior número de apoiadores e de gente simpática à causa.

APOIO JURÍDICO

A **luta** do movimento social geralmente **implica em repressão**. Vimos que uma das formas de o sistema capitalista se manter é por meio do **Estado**, que se encarrega de “manter as coisas funcionando”, ou seja, de **manter a sociedade de classes e seus privilégios**.

Quando um movimento social **se organiza e estabelece um objetivo de luta**, ele vai **mobilizar** as pessoas que estão interessadas em um determinado assunto e por meio da **ação direta**, vai **reivindicar**.

Quanto maior for a força social do movimento social e quanto mais ele questionar as raízes do sistema capitalista, maior será a probabilidade de repressão. À medida que as atividades e a luta do movimento aumentam, aumenta a resposta do Estado, vinda em forma de repressão.

Isso pode acontecer de várias formas: repressão de manifestações de rua pela polícia, prisão de militantes, processos, etc. Por esse motivo, é **fundamental** que todo movimento social tenha **contatos bem estabelecidos** com um **“corpo jurídico” de advogados** que dará apoio nas **questões legais**.

Os advogados podem ajudar de muitas formas. Primeiramente, podem ajudar como “consultores” do movimento, por exemplo, ao auxiliar um movimento de sem-teto a identificar imóveis do governo que estão desocupados ou mesmo auxiliando a identificar imóveis privados com brigas familiares na justiça. Isso em uma situação que não é de repressão. Quando acontece a repressão são os advogados que poderão ajudar o movimento a encaminhar denúncias públicas, que poderão impedir que militantes sejam presos, ajudar a soltar os militantes (em caso de prisão) ou mesmo defendê-los em uma possível ação.



O que temos de ter em mente é o seguinte: ao nos mobilizarmos, estamos mexendo com o privilégio da sociedade e, geralmente, quanto mais questionamos esses privilégios, maior é a repressão empregada contra nós. O apoio jurídico dos advogados será fundamental para o movimento social, principalmente em situações de repressão.

ALGUNS CUIDADOS QUE DEVEMOS TOMAR

Temos de estar **atentos** para não deixar que **valores da sociedade capitalista** se **engendrem no movimento social**. Posições que devem ser **combatidas no dia-a-dia** são: **hierarquia** e **posições autoritárias**; o **comodismo** e a **preguiça** de lutar; o **nacionalismo** e as defesas do Estado; a **competição** e o **individualismo**; as **fofocas** e os **desentendimentos pessoais**; o **racismo**, o **machismo**, a **homofobia** e outros preconceitos da sociedade; as **drogas** e o **alcoolismo** que nos alienam e que nos afastam da luta; o **paternalismo** e o **assistencialismo**, de pessoas que têm dó de nós e que querem nos dar somente migalhas. Devemos ter **grande cuidado** com isso.

AS LUTAS DE CURTO E MÉDIO PRAZO

Quando estamos em um movimento social, estamos **lutando por uma questão concreta**, e assim deve ser. Por exemplo: podemos estar em um movimento de desempregados lutando por trabalho, podemos estar em um movimento de sem-terras lutando por terra, podemos estar em um movimento de sem-teto lutando por moradia, podemos estar em um sindicato lutando por um aumento de salário, etc. Como já dissemos, esses são os **objetivos de curto e médio prazo do movimento social**.

Todo movimento social deve ter seus **objetivos de curto e médio prazo**, pois são eles que **trarão os ganhos** que vão tornar **menos sofridas** as nossas vidas. **Não é errado lutar por emprego, por terra, por moradia ou melhores salários**. Aliás, a busca por estes ganhos deve **sempre estar presente**, pois é ela que **motiva e mobiliza as classes exploradas**. Um movimento que prometa uma boa vida daqui a 50 anos não atrai gente. Ele precisa ter, sempre, a **perspectiva de ganhos imediatos**.

ISSO NÃO É REFORMISMO?

Estamos falando até agora que o **objetivo** do movimento social é a **construção da organização popular** que tem como fim **derrotar o capitalismo**, estamos falando de um **modelo de organização que é anticapitalista**. Como um movimento anticapitalista pode lutar por ganhos dentro do capitalismo? Isso não seria o que geralmente se chama de atitude “reformista”?

Não. O que **caracteriza** o reformismo é o **projeto político e a perspectiva de luta** que uma pessoa, um grupo ou movimento possui.

Quando os ganhos de curto e médio prazo são vistos como um fim, então podemos caracterizar aquele(s) que defende(m) esta posição como reformista(s). O reformista é aquele que acredita que o capitalismo possa ser melhorado e considera isso como um fim ideal.

Por exemplo: uma pessoa que acha que há solução para os problemas de nossa sociedade dentro do capitalismo, é uma pessoa reformista. No entanto, isso é **radicalmente diferente** de alguém que, **mobilizado em torno das lutas de curto e médio prazo**, possui um **projeto político e uma perspectiva de luta de longo prazo**.



A PERSPECTIVA DE LONGO PRAZO

A perspectiva de luta de **longo prazo** é a concepção que se tem em torno do **objetivo último**, ou seja, é a resposta da questão: ao final de toda a nossa luta, **onde pretendemos chegar?** Quem é **reformista** defende que o **fim** onde se quer chegar está **dentro do capitalismo**. Por exemplo: um movimento de desempregados que acha que ao conseguir um emprego tudo está resolvido é um movimento reformista. Um movimento de sem-teto que acha que ao conseguir moradia a luta terminou é um movimento reformista. Isso porque o capitalismo vai **continuar a existir** e a gerar **novos excluídos**. **A exploração e a dominação vão continuar.**

No entanto, nossa luta não é contra a exploração e a dominação? Então, mesmo que mobilizado em torno das questões de curto e médio prazo, nosso movimento, se quiser **apontar** para a construção da **organização popular**, deve ter o que chamamos de **perspectiva de longo prazo**.



A perspectiva de longo prazo existe quando o movimento não acha que sua luta de curto e médio prazo é o fim. O fim, para um movimento que quer lutar contra a exploração e a dominação, é acabar com o capitalismo, ou seja, lutar para substituir o sistema capitalista. A luta a curto e médio prazo e a perspectiva de longo prazo não são excludentes, mas complementares.

Por esse motivo sustentamos que **devemos sempre**, em absolutamente todos os casos, **sustentar esta perspectiva de longo prazo** de combate e de derrubada do sistema capitalista, **apontando para a construção** de uma nova sociedade. As lutas de curto e médio prazo servirão para nossas **conquistas do dia-a-dia**, que aliviarão nosso **sofrimento diário** e serão uma **escola**, pois **aprendemos** muita coisa **na luta**.

ISSO SIGNIFICA SER REVOLUCIONÁRIO?

Sim. Um movimento que está **organizado em torno de uma luta de curto e médio prazo** e que a utiliza como **meio** para uma **luta maior**, contra o capitalismo, é um **movimento revolucionário**.

Nosso modelo de movimento revolucionário está ligado a uma concepção de **organização de base** que, quanto mais **mobilizada e radicalizada** estiver, mais apontará para uma **perspectiva revolucionária**, ou seja, para a **superação do sistema capitalista**.

Revolucionário é quem defende que o capitalismo deve ser substituído por um novo sistema, fundado na igualdade e na liberdade.

QUEREMOS “TOMAR O PODER”?

A concepção de “tomar o poder” é ultrapassada e equivocada. Isso porque o **objetivo**, quando combatemos um sistema de exploração e dominação, **não é a criação de um novo sistema que explora e domina**. A concepção de tomada de poder parte do pressuposto que o problema é **“quem está no poder”** e não **“o poder em si”** – é aquela idéia de **trocar o rei, sem acabar com a monarquia**.

Na realidade, **o problema não é quem ocupa o Estado, mas sim o Estado**. Por isso, não adianta acharmos que, se tomarmos o poder do Estado, poderemos fazer a mudança necessária na sociedade.



O PODER POPULAR

Muitos movimentos sociais falam na **criação do “poder popular”**. Por que **não** levantamos esta bandeira?

O conceito de “poder popular” é **muito amplo**. Há pessoas que o defendem e possuem **boas idéias** e conceitos que se **aproximam** muito dos que definimos aqui por **“organização popular”**. No entanto, **muitos outros** que defendem o “poder popular” estão pensando nele da **maneira autoritária**, como as construções **“pelo centro”**, das formas **ditatoriais, exploradoras e dominadoras**.

A concepção de poder popular, que se **aproxima da organização popular**, que defendemos aqui sustenta que o **poder**, na realidade, é uma **relação de disputa política permanente entre capitalistas e anticapitalistas** e que construir o poder popular seria **aumentar a força social ao lado dos anticapitalistas**. Dessa forma, a partir das mobilizações sociais e populares, estaríamos contribuindo com a força social que se sobreporia ao capitalismo. Nesse caso, defendemos a mesma coisa com palavras diferentes.

No entanto, há pessoas que defendem o “poder popular” pela construção de movimentações que sustentem **vanguardas descoladas da base**, relações **hierárquicas** nos movimentos, **partidos** que se sobrepõem aos movimentos so-

ciais, pessoas que buscam “libertar” a sociedade **por meio do Estado, tiranias e burocracias de todo o tipo**. Nesse caso, o poder popular não tem absolutamente nada a ver com o que estamos chamando aqui de organização popular.



A NOVA SOCIEDADE QUE QUEREMOS CONSTRUIR

A **organização popular aponta**, como vimos, **para um objetivo de longo prazo**, que é a **substituição do capitalismo**. Isso significa **criar um novo regime social**, ou seja, uma **outra forma de organização da vida social**.

Como isso é um **projeto de longo prazo**, não precisamos ter absolutamente tudo pensado, mas é o caso de deixarmos **algumas reflexões sobre o tema**.

UMA SOCIEDADE SEM CLASSES

Diferentemente do capitalismo, **a nova sociedade não possuirá classes**. Não **haverá quem domina, quem explora, quem é dominado e quem é explorado**.

Essa nova sociedade estará pautada na **solidariedade e no apoio mútuo** e as pessoas não vão mais se considerar concorrentes, mas sim **companheiras**.



A dominação e a exploração deverão ter sido **eliminadas** e **apesar de haver conflitos**, que são inevitáveis, o mais importante é ter um sistema que **não permita que uns poucos vivam bem às custas de muitos outros que vivem mal**.

SEM PROPRIEDADE PRIVADA E COM AUTOGESTÃO

Para que essa **nova sociedade** esteja fundada na solidariedade e no apoio mútuo, ela **não deve sustentar as instituições do capitalismo: a propriedade privada e o Estado**. Em seu lugar, estarão a **autogestão e o federalismo**.

A propriedade privada deverá ter sido extinta e **ninguém mais poderá empregar outras pessoas e roubar parte de seu salário (mais-valia)**. Neste modelo, **nenhuma pessoa é dona dos meios de produção** – máquinas, ferramentas, terras, fontes de energia, etc. – pois todos eles são **coletivos**.

Dizer que algo é coletivo significa que não pertence mais a uma só pessoa, que faz a sua utilização da forma que julga ser correta. Quando algo é coletivo é de todos. Todas as pessoas envolvidas em algo são donas daquilo e juntas tomam as decisões de como utilizá-lo.

Vamos dar um exemplo prático. Consideremos uma fábrica de cadeiras. Na sociedade futura, a fábrica e tudo o que pertencer a ela: máquinas, ferramentas, terreno, etc. – pertencem ao coletivo de trabalhadores que nela trabalham. Então uma pessoa não pode vender a fábrica sem acordo dos demais, não pode ser chefe dos outros, não pode explorar os outros. Tudo na fábrica pertence ao coletivo de trabalhadores e lá todos são iguais em poder de decisão.

Tudo o que for resolvido deve ser um acordo entre o coletivo de trabalhadores que, em igualdade, decidirão o que fazer com tudo o que diz respeito a seu ambiente de trabalho. Isso se chama autogestão e acontece quando as decisões saem das mãos da classe dominante e vão para os conselhos de trabalhadores que tomam suas decisões sobre tudo o que lhes diz respeito.



SEM ESTADO E COM FEDERALISMO

Como o capitalismo **deve ter sido abolido**, o Estado também não deverá mais **existir**. Em vez de Estados nacionais, a sociedade futura deve estar pautada na **livre associação entre as pessoas**. E isso pode acontecer em **qualquer território**, por isso, a nova sociedade é **internacionalista**.

Nesse modelo não há mais democracia representativa. O povo se reúne em conselhos e toma suas próprias decisões. Quando há necessidade de articulação, escolhe-se um delegado que leva as posições deste conselho e se acerta com outros. Todas as funções políticas são rotativas e revogáveis. A isso damos o nome de federalismo.

A VERDADEIRA DEMOCRACIA

Esta sociedade de **autogestão e federalismo** promove a verdadeira democracia, ou seja, **o verdadeiro governo no povo**. Nela, não são os capitalistas e os políticos que nos governam, mas nós mesmos.



Em uma verdadeira democracia, o povo se autogoverna. Ele é soberano, toma suas próprias decisões e não é dominado nem explorado.

Essa “nova democracia” deverá pautar também toda uma **nova concepção de educação e de cultura** que **edueque as pessoas para a liberdade e para a igualdade**. Dessa forma, estimulará uma cultura de solidariedade e de apoio mútuo, reforçando esse modelo de sociedade em oposição ao anterior.

LIBERDADE E IGUALDADE

Os dois **valores básicos** a serem promovidos na sociedade futura são a **liberdade e a igualdade**.

A **liberdade** como sendo a **possibilidade de todas as pessoas desenvolverem todas as suas potencialidades, capacidades, criatividade sem que alguém as domine ou explore.**



A **igualdade** como sendo a **possibilidade de todos escolherem que caminho seguir.** Assim, não há mais este abismo entre ricos e pobres e **todos possuem mais ou menos o mesmo nível**, pois possuem as **mesmas oportunidades.** Isso não significa dizer que se tentará uniformizar a todos, mas sim que em um sistema deste tipo não há **desigualdade e não há hierarquia.**

OS MEIOS DA ORGANIZAÇÃO POPULAR

Para a conclusão do nosso material sobre organização popular, há uma reflexão importante. **Todos os meios dos quais se utiliza a organização popular estão em pleno acordo com a nova sociedade que queremos construir.**

É por isso que a **nossa luta do dia-a-dia**, além de nos trazer as **conquistas**, já **apontam para os valores e a nova sociedade que desejamos tornar real.** Todo o processo de luta apontado aqui nos faz concluir que **utilizamos meios adequados com os fins que queremos atingir.**

E isso é absolutamente importante: a defesa da coerência entre meios e fins. No modelo da organização popular, todo o processo de luta – ou seja os meios – está condizente com os nossos fins, que são a derrubada do capitalismo e a construção de uma nova sociedade. Podemos afirmar que nossos meios são absolutamente condizentes com os fins que desejamos atingir.

A PEDAGOGIA DA LUTA

A luta do dia-a-dia é a maior escola que existe. Uma luta, se bem conduzida, pode ensinar muitas coisas a todos os que estão mobilizados.

Podemos aprender: medir nossa capacidade de força; nos organizar; valores importantíssimos deixados de lado pelo sistema como solidariedade, apoio mútuo, ética, responsabilidade; podemos contrapor a cultura popular à cultura do capitalismo; aprender a vencer, perder; enfim, **ao construir a organização popular, já estamos aprendendo muita coisa.**



É lutando que aprendemos a lutar. Na mobilização do dia-a-dia aprendemos coisas que nenhuma escola pode nos ensinar. Na prática, a teoria fica muito melhor. Portanto, mãos à obra, vamos deixar de teoria e partir para a prática!

NOSSA “LIÇÃO DE CASA”

Construir a organização popular!

